

A Saga de

# Mitrax

# Ressurrectio Immortalis

Parte I:

## A scentio

Autor:

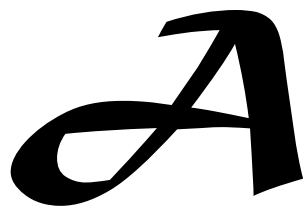
Sérgio Roberto de Paulo

## PRÓLOGO



o Grande Senhor da Luz, naquele dia em que a

Micropella teve o seu destino traçado, ao entregar o Cristal da Ambição ao soberbo Antares, viu que mesmo aqueles espíritos, que eram os mais elevados daquele mundo, não suportariam para sempre o convívio com aquele fragmento, embora muitos fossem os séculos em que se manteriam fiéis à senda da caridade e da humildade. Pois ele sabia que aqueles eram espíritos que evoluíram demasiadamente rápido, não tendo assim estabilidade suficiente para tal responsabilidade. Assim, ciente dos fatos que o distante futuro traria, o Grande Senhor da Luz previu que teria que criar condições para o estabelecimento de uma nova ordem, que pudesse se antepor no futuro à ordem dos arqui-magos que guardariam o Cristal por trinta mil anos, quando estes finalmente deixassem a corrupção se apoderar completamente de suas almas. Então, Aor atuou no passado, fazendo com que os Antigos, quando abandonaram o planeta, destruindo os indícios de sua civilização avançada, preservassem um único lugar na face da Micropella que guardaria pistas do esplendor que a raça humana atingiu no passado: O Monte Sagrado de Lumerae. Pois Ele previra que surgiria um grupo de humanos na Mesovingia Oriental que ascenderia à condição de magos. Espíritos maduros o suficiente para lutar pela justiça e pela bem aventurança dos seres do mundo, sem esperar nada em troca. Contudo, espíritos ascendidos a partir de homens e mulheres ordinários, sem nada de especial. E o Grande Senhor da Luz viu que isso era bom e adequado, e assim se inicia essa história.



pá tocava o solo amolecido pela chuva, por

isso, a terra se deixava levar abundantemente, largada, como se não se importasse. Aliás, nada ali se importava. A luz daqueles a quem mais amara se apagara, e o mundo nem se abalara. Suas lágrimas se misturavam à chuva e caíam no chão, ou escorriam pelo cabo do instrumento, mas... quem poderia vê-las? Quem passasse por ali, poderia saber que o desespero tomara conta do seu ser? Poderia tomar consciência de que sua alma se despedaçara? Não. Simplesmente a chuva escondia e apagava as lágrimas. Seus braços fortes faziam com que afundasse rápido, a tumba o engolia. Seria mais fácil se deitar ali e se cobrir com a terra, até a escuridão o abraçar. Muito mais fácil. Mas os entes que tanto amara estavam ali esperando, sumamente enrolados em panos brancos.

Por que isso aconteceu? Os pássaros ainda a cantar de galho em galho

Por que? Por que? Nas aldeias e vilas, os homens continuam com o seu trabalho

Outrora, cheio de vida, eu era feliz,

Amor, esposa e filhos eu fiz.

Quando ao fundo chegou, sete palmos mais ou menos, por duas vezes se quedou. Caiu de frente e de trás, sujando o rosto de lama. Depois, nu da cintura para cima, ergueu os olhos para a escuridão celeste. Olhos comprimidos, que não sabiam se era dia ou noite. Colocou as mãos na cabeça, puxou os cabelos e percebeu que gritava. Gritava de desespero, mas ninguém poderia ouvi-lo ali, nem na terra, nem no céu.

Hoje, as trevas me engoliram, e meu ser perdeu o vigor.

Meus olhos se anuviaram, só restando o medo e a dor.

Meus pés nesta cova tocam, mas minha alma está perdida,

Um homem que flutua no nada, sem arrimo, sem saída.

Suas unhas feriam o seu peito, suas camisas há muito rasgara. Jogou a cabeça para trás, chorava, chorava. Entrecortado era o som que produzia, dado que tremia. Depois, arremessou-se para a frente, com a barba comprimindo o peito. Como poderia suportar tamanho peso sobre os ombros?

Das dores, a mais angustiante e profunda,

Aquela que enverga a alma, que nem a morte aplaca, onde a esperança afunda,

A dor da ausência, da eterna saudade, do arrancar o élan, violento,

Do flutuar no vazio escuro, do não sentir, do não viver, nenhum possível rebento.

Olhou para os corpos com os olhos comprimidos e com a dor estampada na face. Já não compreendia o quanto chorara. O tecido branco contrastava com a terra escura. Sepultaria ali a inocência e a vida. Suas mãos sujas de terra e de culpa, seu espírito negro. O branco se esconderia, até que não pudesse mais ser visto, nunca mais.

Onde encontraria forças? Mas foi como por reflexo, como se não mais pensasse ou existisse, seu corpo animado e sem vida, que a apanhou nos braços.

Seu corpo, outrora tépido, agora estava duro,

Seu rosto, seu perfume, outrora fresco, agora... nem beleza, nem alegria, nem louro.

Leve como uma pluma, como prestes a ser levada pelo vento,

Assim estava, a sua amada, sem suspiro, sem luz, sem sofrimento.

Depositou-a no fundo da cova, mas caiu de joelhos. Chorava, chorava, mas como poderia tanto? Desde que a encontrara, na noite antes da noite, ali, na cama, a fitar o nada, se puseste a chorar e a soluçar, e nunca mais parara. Quantas horas? Quantas horas?

Seu rosto encoberto. Deveria olhá-la? Uma última visão? Não, não. A morte a levava e seu rosto... uma casca era tudo o que restara. Não teve coragem. Apenas o som de um animal era o que produzia. Algo como:

-Hã... hã... hã... hã... hã...

Ininterrupto. O som do desespero.

Virava a cabeça para um lado e para o outro, como a dizer: "não, não, não...".

Era a vez dos pequeninos.

O menino, também debaixo dos seus panos, apanhou-o qual um boneco, um fantasma,

Sob aquelas vestes, assombraria, pois sua mente, confusa e pasma,

Não compreenderia. Não compreenderia como pode uma criança,

Perecer assim, sem mais nem menos, sem dó, sem esperança.

Mas, sem saber como, depositou-o ao lado da mãe. E agora... a pequenina. Apanhou-a nas mãos, aquela coisinha... olhou desesperado para aquela boneca, enrolada no pano. Um brinquedo, uma farsa? Melhor que fosse... Mas, não... tudo o que ela fora, estava ali. Uma casca, uma coisa.

Comprimiu-a contra o rosto. Chorava e soluçava. Nunca mais pararia.

Uma criança nasce e floresce. Tão linda se torna,

Tão viva e tão inocente. E, sem que nada tivesse realizado, a morte a toma.

Para que veio? Para que no mundo apareceste?

Para que cativaste e me prendeste, se pela mão do destino, assim tão cedo, evanesceste?

Pô-la sobre a mãe. Então ficou em pé, observando. Quanto tempo não se sabe, mas, talvez, logo a manhã viesse. Queria que os primeiros raios de sol lhe desintegrassem. Queria tirar o próprio fio da vida, se uma espada tivesse. Mas nada, nu da cintura acima. Nos pés, mais nada. O peito ainda sangrava, dilacerado pelas próprias unhas. Nada mais fez, exceto que, após o transe, a terra à cova devolvesse. Os rostos, que não tivera a coragem de contemplar, agora ocultos para sempre.

Então, novamente o torpor, a dor e o tremor. Agora, o que lhe restara? Olhou à volta e às alturas. Andar. Andaria sem teto e sem rumo, ainda experimentando a fria chuva. Andaria,

andaria, sem saber para onde, e também não importava. Andaria até que não mais suportasse, o peso da própria vida. Andaria até que suas pernas lhe falhassem, e nunca mais animariam. Então, definharia qual galho quebrado, separado de todo de sua árvore. Assim, sem dor, sem piedade, sem sentido, sem sanidade.

E, quando se deu por si, ou não se deu, não sabia ao certo, suas pernas o levavam. Para onde, não sabia, somente elas conheciam para onde teria que ir. Mas o destino não mais importava, pois tudo o que queria era seguir-lhes na senda da morte.

Mas, cruel é o mundo, e vazia a existência. Por mais que andasse, era forte, não sentia cansaço. E, de sede não morreria, pois, toda vez que caía, toda vez que elevava a face para externar a sua dor, a perversa chuva incessante, lhe enchia a boca de água. E fechar a garganta impossível era, pois o desespero, qual pressão de mil cavalos, explodia em suas entranhas.

Tentou afogar-se num riacho, mas não submergiu, foi arrastado. Seu corpo esfolado, seguro em pedras e galhos. Morrer não conseguia; é claro, punido estava sendo.

Outrora foras um lorde, escrivão e contador das salamândricas rainhas,

Agora, um traste, um espectro, um sopro que, assim, definhas.

Outrora, viras, impassível, crianças serem devoradas em seus ninhos,

Agora, incriminado pelos céus, furtado de teus filhos.

Possuía apenas um último lampejo de consciência, ali, encostado sobre o leito (do riacho), em meio às pedras e galhos, sangrando, meio que crucificado. Quando jovem servira as salamandras, embora soubesse que as rainhas devoravam crianças. Nada fizera para impedi-las, aliás, desfrutara de sua condição privilegiada. Então, era natural que estivesse sendo punido. Mas a punição era a pior que se podia. Aceitaria. Aceitaria.

-Senhor... a ti entrego a minha alma... – balbuciou, acreditando que estivesse a um passo da morte.

Sua vida mudara quando encontrou aquele livro. Estava lá, jogado numa das salas de entulhos de Piramar. Aprendera com ele, desde a confecção do pão, até os segredos de outros mundos. E o livro lhe dissera que é melhor morrer do que fazer o mal. Então, abandonara a servidão, fugira das salamandras, fora perseguido, mas se refugiara no único lugar onde elas temiam: o alto do Monte Lumerae, onde deixara o livro. Atravessara o portão sagrado, mas não aguentara ficar lá. Sentira o coração oprimido e difícil era respirar. Assim, descera e se escondera na Vila Sudana. Lá, casara e tivera filhos. Dois, que se foram. E uma esposa, que tanto amara e que jazia sob água e terra.

-Senhor... a ti entrego a minha alma...

Então, fechou as pálpebras, deixando-se afundar na escuridão. Contudo, não foram as trevas que teve, mas a mais pura iluminação. E, assim, mesmo com os olhos fechados, tão intensa luz nunca presenciara. Abriu os olhos assustados e, em meio a raios cegantes, vislumbrou uma silhueta, o contorno azulado de um homem, o qual parecia nu. O seu rosto... não podia ser visto e, uma vez que aquela luz fosse presenciada, tudo o mais ficava turvo. O seu peito, então, bateu diferente, descompassado, pois percebera que, diante de si, estava o Senhor, ao qual chamara.

-Antonio, Antonio – disse ele, com voz de mil trovões e ao mesmo tempo suave – levanta-te daí!

Seus olhos se arregalaram. Não sabia se estava vivo ou morto. Seu corpo não sentia. Demorou para sua mente entender um pouco do que acontecia. A sagrada figura ficou ali postada, com a mão estendida como algo impossível de ser tocado. As palavras lhe vieram desconexas e desacompanhadas. Mas Aaor, o Senhor da Luz, as deu sentido, juntando-as:

-Senhor... por que me punistes... assim?

-Eu jamais puni a ninguém, Antonio – foi a resposta. – Muito menos a ti que, com o teu pão, alimentaste pobres, miseráveis e famintos.

-Mas... mas por que não impediste... que quem eu amava... fosse levado?

-Eu sou capaz de andar sobre as águas e, as vezes, ressuscitar os mortos. Mas não tenho poder suficiente, Antonio, para penetrar na mente dos homens, embutir-lhes maturidade e sabedoria, eliminando-lhes os pesadelos. Vai. Levanta-te.

Mas a angústia suas forças drenou. Sua mente, esfrangalhada, não sabia que aquelas palavras acolhera.

-Como posso, Senhor? As forças me faltam...

-Há muitas questões em aberto encarceradas em teu peito. Vai. Sobe o Monte. Lá encontrarás as respostas.

Então, o ser se foi, com um último brilho. E as trevas o envolveram. "Lá encontrarás as respostas", as palavras ecoavam em seu cérebro, sem parar. Forças não mais tinha, mas precisava saber, precisava.

Então, assim, alquebrado e carcomido, Antonio, o padeiro, se foi

Não subiu nem se elevou, antes se arrastou, pela lama e pelo lodo, de quatro se pôs.

Viajou talvez por quilômetros, em trevas e iluminado

Até que, exaurido, ficou numa trilha, abandonado.



Uma hora, ou um dia, quem sabe?, ali passou um carroceiro, que disse: “Conheço esse homem! É o padeiro de Sudana!”. Sua esposa estava ao seu lado: “Sim, é ele! Está sujo, enlameado, que miserável!”. E ele ouviu essas palavras. Distantes, destoantes, como num sonho. Não sabia se vivo estava. Antes, quando esposa e filhos enterrava, ouvia os sons de maneira diferenciada. Como coisa grave, grossa, como se tudo ocorresse lentamente. Agora, quando a luz sagrada o cegara, tudo lhe parecia música e melodia.

Conheço esse homem! Conheço esse homem! É o padeiro!

Sim! Sim! Que condição miserável! Ele nos deu pão, alimentou os nossos filhos, nos deu esteio!

Não nos parece ver! Está vivo, mas nós lhe somos invisíveis!

Coitado, está cego! Por acaso esposa e filhos não perdeu? Frios e duros ficaram, insensíveis?

Pobre alma perdida! Vamos ajudá-lo, banhá-lo! E os pães – vamos lhe devolver!

Juntos vamos erguê-lo. Na carroça, transportá-lo, e a vida de volta ao seu rosto vamos ver!

E, assim, aqueles dois pobres plantadores de batatas levaram o padeiro e, durante três dias, lhe cuidaram, até que algumas forças retornassem. Antonio, perdido e desorientado, se deixou tratar, mas, quando a luz da consciência lhe retornou à mente, sabia que tinha que fazer o que Aior lhe havia ordenado. Assim, com o carroceiro insistiu, até que este o levasse ao alto do Monte, mas não sem hesitação.

Cego estás, como podes? No alto do Monte,

Muitos lá chegaram, mas nunca retornaram. Lá, se esconde

O Bem e o Mal, dizem, abraçados, a ira e a esperança, entranhadas

A escuridão e a luz, misturadas, tal qual serpentes emaranhadas!

Sou um homem alquebrado e moído. Um moribundo perdido no mundo, não vês?

Como podes negar tal minha súplica? De ti preciso, de teus misteres e tuas mercês.

Talvez nas trevas me perca, mas subir ao Lumerae preciso,

Porque lá também há luz, por isso insisto.

Então, o carroceiro deixou aquele pobre homem no alto do Monte. Mas atravessar o portão entreaberto da cidadela em ruínas não se atreveu. “Estarei bem! Estarei bem!”, disse-lhe o padeiro. Assim, os arreios dos cavalos puxou, e a carroça virou. Ao miserável, deu uma última olhada. Aquele que, agora, às cegas tudo tateava, mas que das trevas se ergueria, tornando-se algo que acima dos homens estava.

Antonio, completamente cego, atravessou o portão, com a ajuda de um pau que lhe serviu de bengala. Já havia estado ali, da pirâmide se lembrava. Demorou, mas a encontrou, com a entrada escancarada. A rampa subiu. Lá, sabia, na parte central, estava o objeto que lhe atraía, onde julgava que estivesse a resposta. O caduceu. As serpentes entrelaçadas, as quais repousavam na vertical, presas na base de um pedestal. Assim, lá dentro e nas trevas, às apalpadelas, lá a encontrou. De joelhos, tateou as serpentes e, uma, estava frouxa. Assim, ao puxá-la, perdeu a consciência.

#####

As trevas cederam parcialmente. Lentamente, uma pálida luz apareceu sobre si. Tinha um formato ovalado e, aos poucos, foi entrando em foco. Descobriu-se deitado e, espantado, percebeu que a luz, aos poucos se transformou num rosto. Mas não era um rosto qualquer, e sim um que lhe tirou o fôlego:

-Emeralda! – balbuciou.

Ela lhe sorriu, tenra.

Ele, então, se julgou morto, mas o mais feliz dos homens. Imediatamente, forçou-se a se levantar e, embora se sentisse mais leve, conseguiu apenas se sentar. Mas não conseguia tirar os olhos dela.

-Meu amor! – disse. Mas, ao tentar tocá-la, seus dedos lhe vararam o corpo, como se ela fosse um fantasma. Então, se sobressaltou enormemente, sem saber o que dizer.

-Não fica assim! – disse ela. – Não morreste, eu sim! Estamos separados, mas não é para sempre!

-Os deuses estão a zombar de mim? – disse ele, desesperado. – Que crueldade é essa? Estás tão perto e, ao mesmo tempo, incomensuravelmente longe!

-Não! Não! – disse ela, sorrindo, parecendo apaixonada. – Descobri muitas coisas quando aqui cheguei. Coisas maravilhosas!

Então, ele olhou ao redor. Nada viu, exceto trevas. Sentiu apenas que se sentava sobre terra. Tentou tocá-la novamente, mas, uma vez mais, suas mãos lhe atravessaram. Ele recuou, com medo.

-Que lugar é esse? O mundo dos mortos? Deverei eu morrer, então, para tocá-la. Eis a resposta! – declarou Antonio.

-Não, não! – respondeu, apressada, a sua eterna esposa. – Não. Tens algo a fazer, algo importante. Depois poderás me abraçar, sentir-me junto a ti.

-Por que, Emerald, por que me deixaste?

-Quando aqui cheguei, alguém me ensinou. Deves te casar novamente, tentar construir uma outra vida!

Exibindo espanto e estranheza, Antonio respondeu:

-Não! É a ti quem amo! Como poderia?

-Sabes, aqui descobri uma coisa... – disse ela, sorrindo e segura. – De tudo o que se possa imaginar, de tudo o que há na Existência, para o ser humano, o que é mais fundamental, mais importante e o que mais faz sentido, são os laços que mantemos com aqueles que chamamos de entes amados!

O seu coração começou a bater mais rápido. Sabia que uma verdade fundamental estava para lhe ser revelada. E não era aquilo que mais desejava.

-Nossas mentes... – continuou ela – são como pontos numa grande rede interligada. Se não tivéssemos esses laços, estaríamos soltos no nada. É o que dá sentido à nossa existência!

-É por isso que quero estar contigo! – confessou, sôfrego, como a implorar. – É a ti quem amo. Por isso, não quero novamente me casar!

-Mas também descobri que os laços que nos unem vão além da nossa relação enquanto marido e esposa, ou como pai e filho. Esses são estados circunstanciais desses laços, passageiros. – Então, ela olhou para outro lado, para o nada, mantendo o semblante sereno e, ainda sorrindo, completou: - Ah, se pudesses ver como é a Eternidade!

-Quero a ti e aos meus filhos! Por que não posso tê-los de volta?

-Terás, meu querido, terás! Paciência! Agora, trata de seguir a vida, pois o que nos aconteceu foi o caminho tecido pelas nossas próprias mentes com um único propósito.

Ela não completou o sentido da frase, o que o obrigou a indagar, temendo pela resposta:

-Que propósito? Qual é o propósito de nosso sofrimento?

Ela olhou bem para ele, serenamente. Então, ampliou o sorriso e, com suavemente, respondeu:

-Aprender, Sirius. Aprender!

#####

De volta à inconsciência, não soube quanto tempo lá ficou, mas, sentindo a fria água no rosto, despertou. Abriu os olhos, é claro, mas ainda nada viu, pois as trevas da cegueira

ainda o envolviam. Mas, ao tentar mexer os dedos, sentiu que ainda segurava o cajado. Estava deitado de costas, mas, ao pressionar aquele instrumento, viu que, de uma de suas extremidades, uma tênue luz se projetava. E essa luz lhe revelou uma silhueta. Alguém o observava. Seu coração disparou, pois não sabia que tipo de fantasma era aquele. Mas, aos poucos se acalmou, pois verificou que aquela criatura, que o olhava curiosamente, não passava de uma criança.

Não podia ver o seu rosto, pois via muito precariamente, mas, mesmo assim, perguntou:

-Quem és tu?

O menino balançou a cabeça de um lado para o outro, depois de recuar um pouco assustado. Após o que, balbuciou:

-Ora! Ora!

Então, Antonio, com dificuldade, se sentou e o menino correu assustado, escondendo-se atrás de um objeto que parecia um baú. Mas, direcionando o cajado naquela direção, Antonio pode constatar que ele ainda o olhava hesitante, como algo a o intrigar.

-Podes te aproximar. Não vou te fazer mal! – disse o padeiro.

Ele hesitou e um silêncio se formou. Mas, depois disso, novamente se aproximou, ainda resmungando:

-Ora. Ora?

Lentamente, tentando vencer o medo, tocou no peito de Antonio, recuando imediatamente os dedos. Depois tocou novamente e concluiu:

-Ora.

Mas falava com dificuldade, ao que Antonio refletiu:

-És mudo, meu amigo?

E ele respondeu:

-Ora!

O padeiro, então, tentou se colocar em pé, mas o mundo inteiro girou e caiu novamente sobre o duro e frio piso. O menino desapareceu, correndo. Depois de algum tempo, o padeiro tentou, novamente, com maior cautela e, tendo o cajado como amparo, conseguiu se firmar sobre os pés. Então, o menino novamente apareceu. Trazia uma fruta, que na barriga de Antonio encostou. Este a apanhou com a mão esquerda e sentiu vontade de comê-la. Foi o que fez.

Com esse simples ato, se sentiu culpado, perguntando-se se ainda tinha o direito de viver. Não seria melhor morrer? Não. Tinha que saber. E a resposta estava ali, em algum lugar.

Assim, nos próximos dias, sua vista foi, aos poucos, retornando. Via com a ajuda do cajado, mas aquela luz não compreendia. Viu, também, que o menino de sete anos não passava. Ele lhe mostrou que, no interior da pirâmide, do lado leste, havia uma grande parede de vidro grosso, por onde a luz do Sol penetrava. Ali era como uma estufa, onde muitas árvores frutíferas e leguminosas havia, com as quais o menino se alimentava.

Antonio descobriu, então, que há muitos anos ali ele vivia. Sabia cultivar a terra, retornar as mudas à terra, e assim se alimentava. Ele era fraco e raquítico, conforme o padeiro a cada dia o via, mais e mais claramente. Então, um dia, quando ele já tinha alguma confiança, pegou Antonio pela mão e o arrastou para fora. Caminharam até um dos extremos do Monte e lá, com um dedo a apontar, ele mostrou um esqueleto, que ainda guardava traços da roupa e dos cabelos. Então, o padeiro deduziu tudo:

-Era a sua mãe, não era? Não és mudo, não é? Apenas te esqueceste de como se fala!

Assim, nos dias que se seguiram, Antonio recobrou totalmente a visão. Ele e o menino trabalhavam no manejo dos legumes e tubérculos. Também conseguiu produzir fogo, atritando o cajado na madeira e, estranhamente, conseguiu fazê-lo sem muito esforço, o que lhes deu mais conforto e, acima de tudo, passou a ensiná-lo a ler e escrever, pois lá o tal livro reencontrara. Quanto a escrever, o faziam, no início, na neve, rabiscando com o dedo.

O menino acolheu aquele ensinamento com entusiasmo e, com o tempo, tomou gosto pela coisa, sendo que, no futuro, se tornou o primeiro e mais famoso dos historiadores.

Antonio olhou para ele e sorriu do seu entusiasmo e decidiu:

-Vou te chamar de Horácio!

A adaptação foi difícil, mas nada comparado com a dor que antes passara e que ainda lhe retumbava no peito. Muita tontura e dor de cabeça. Mas, com o tempo foi se adaptando. Gostava de se sentar nas pedras e olhar ao longe, através da soberba paisagem. Lá, do alto do Monte, Lumerae era deslumbrante. Normalmente, nuvens brancas cobriam parcialmente as ruínas, a tudo imergindo. Mas, raios de sol atravessavam triunfantes, a tudo iluminando. A vista podia alcançar ao longe e podia-se ver distantes cidades e vilas, pela fumaça que exalavam. Pássaros sem fim ali voavam, muitas vezes contornando a imensa pirâmide, que se elevava do topo, com os seus fulgurantes cem metros de altura. Ali, no passado, certamente, incomparável cidade houvera, mas fora muito antiga, pois, agora, restavam somente ruínas. Apenas intactas, pareciam, a própria pirâmide e a fornida muralha, que não era alta, mas grossa. Ela não contornava todo o topo do Monte, pois era desnecessário. Onde havia precipícios, ela não existia, permitindo boa vista. Apenas se erguia onde homens pudessem subir. Mas, o único caminho que poderia levar a Lumerae era a velha estrada que subia em espiral, contornando várias vezes o Monte e, onde ela tocava a cidadela, estava o portão. Era possível adivinhar que há milênios não fechava, permanecendo com uma das folhas abertas. Era de um metal estranho, ao mesmo tempo forte e leve. Tinha quatro metros de altura e a muralha ali, cinco. Não tinha figuras nem esculturas, mas dizeres numa língua estranha. A população das vilas que rodeavam o Monte acreditava que havia uma mágica ali, que protegia a cidadela dos invasores. Assim, entrar ali todos temiam. Mas, o sonho

e a visão de algumas mulheres criaram a lenda de que, um dia, um homem superior surgiria. Um ser com poderes especiais e de elevado espírito. Um mago. Um dia, ele desceria do Monte e, a todos, a paz levaria.

#####

#### FINAL DA ERA DAS SALAMANDRAS. ALTO DO MONTE LUMERAE.

E, um dia, estava Antonio a meditar ao ar livre. Nevava. Ele olhava para o sul. Observava o Sanco que vinha, talvez a uns cem ou duzentos quilômetros, com as suas mansas águas. É claro, chorava. Chorava pois se lembrava, ainda com a dor no coração. Mas ainda tinha a determinação de entender porque aquela tragédia a ele se abatera, então continuava. Olhou bem para o cajado que levava a todo canto que ia, temendo que a tontura habitual o derrubasse. Rodou-o entre os dedos, pesada. Olhou bem para a serpente negra empalhada. O cajado era comprido, da cintura lhe passava. Era torto, pois em espiral à outra serpente se encaixava. Mas havia algo errado ali. Sua aparência. Parecia-lhe um tanto sinistra e, numa primeira olhada, um objeto do mal. Talvez fosse somente impressão. Algo a espantar as mentes incultas. Mas, olhando bem para ele, Antonio se deu conta que, numa das paredes internas da pirâmide, havia um nicho. Não era muito profundo e estava meio escondido pela poeira e pelo tempo. Mas, pensando bem, parecia ter exatamente a forma de seu cajado. Então, num impulso, numa intuição, se pôs de pé e caminhou até a pirâmide.

Subiu a rampa e atravessou a abertura. O seu interior realmente era muito pequeno para uma construção daquele tamanho. Tudo o que havia ali dentro era a sala central, um pouco acima do nível do topo do Monte e o anexo da estufa. Mas, do lado oposto a esse anexo, na parede, a um metro de altura, estava aquele nicho. Antonio olhou para o cajado mais uma vez e, num reflexo, encostou-o no nicho, depositando-o lá. Imediatamente, um som surgiu, um tremor. Fendas surgiram num local próximo da parede. Depois, parte dela se deslocou, surgindo uma abertura. Grande quantidade de poeira subiu mas, quando abaixou, Antonio pode ver que um corredor surgira. Um corredor descendente. Quando criou coragem e ali penetrou, estranhas luzes se acenderam. Vinham de archotes peculiares espalhados e fixos nas paredes, mas duvidou que fossem de fogo. Nos extremos dos archotes havia uma espécie de caixa de vidro e a luz vinha de dentro, sem que se pudesse identificar a fonte.

Antonio caminhou por túneis de transversal quadrangular por centenas de metros, dobrando várias esquinas, até que se viu numa sala imensa. E, lá chegando, outras luzes se acenderam, a iluminando. Ele adivinhou que estava vários metros abaixo, numa espécie de subterrâneo. E, ali, incríveis coisas descobriu. Grande quantidade de ouro, na forma de barras e pequenos discos, quais moedas que não foram prensadas. Não se impressionou com isso, pois não era a riqueza que buscava. Mas o que viu no meio da sala foi o que realmente o desconcertou. Muitas estruturas que pareciam prateleiras.

Ao se aproximar delas, viu que ali estavam penduradas roupas. Pareciam trajes ou uniformes, na cor branca e azul claro. Eram batas e calças compridas, além de chinelos de couro ou material semelhante, que também estavam pendurados. Mas, passando por essas

prateleiras, havia outras, bem mais impressionantes. O seu conteúdo era do mais reluzente ouro. Mas não era o outro em si que impressionava, mas outra coisa. Pareciam placas enfiadas nas prateleiras, com um metro quadrado. Cada uma delas possuía uma alça. Antonio puxou uma delas e a placa de ouro deslizou para fora suavemente, até uma posição máxima. Atônito, o padeiro descobriu ali palavras, símbolos e figuras gravadas, numa língua estranha, que não conhecia.

Olhou para a sala onde estava e constatou que centenas de prateleiras havia, cada uma delas com centenas de placas. Quanta informação havia não sabia. Nada do que estava ali não lhe seria revelado, se não fosse um detalhe: as primeiras placas apresentavam figuras ao lado de palavras e, Antonio, perspicaz, logo deduziu que aquilo era a chave para decifrar a língua.

Então, ele suspirou. Constatou que teria muito trabalho, mas a resposta deveria estar nessas placas. Poderia começar imediatamente, mas, antes, ponderou. Apanhou um pouco de ouro e desceu o monte, vestindo uma daquelas roupas e segurando o cajado. Comprou uma carroça e dois cavalos. E também mantimentos, tinta, penas e papel, e, principalmente, farinha.

A visão daquele homem vindo do alto do Monte impressionou os moradores da vila onde se dirigira. Com o cajado e a roupa, ela parecia distinto. Muitos rumores pelas redondezas correram e as lendas foram evocadas.

Antonio voltou ao topo de Lumerae. Procurou entre as ruínas, que, algumas delas, ainda possuíam colunas altíssimas. Numa delas, improvisou um forno, onde um tanto de pedras caíra em formato adequado. Passou a fazer pão, com os quais Horácio se deliciava. E, durante três anos, se dedicou à tradução daquela língua antiga. Ela era muito estranha, pois apresentava os adjetivos antes dos nomes. Mas, por outro lado, era simples, pois os verbos quase não variavam e as palavras, sem acentos, eram curtas.

Mas não foi somente a sala das placas de ouro que fora descoberta. Havia passagens para o topo da pirâmide. Lá, Antonio viu que uma imensa pira se acendera, sozinha, sem que ninguém lhe ateasse. Era um fogo intrigante, meio azulado. Antonio não pode ver onde estava o material combustível, mas também não podia se aproximar do fogo, pois ele estava sobre uma plataforma de metal e, ali, era muito quente. Mas, logo abaixo da plataforma, no último andar da construção, havia muitos orifícios nas paredes, bem como símbolos espalhados no reluzente piso que, mas tarde, ele descobriria serem para se observar as estrelas a se moverem pelo céu, como referências.

O padeiro se dedicou arduamente a decifrar o idioma das placas de ouro, durante três anos. Mas, algumas semanas depois de sua primeira descida às vilas da redondeza, num dia, ouviu murmúrios do lado de fora do portão. Então, intrigado, caminhou até lá e ali, temerosos de entrar, encontrou um grande número de pessoas. Espantado, perguntou:

-O que desejais?

Todos olharam espantados para o homem naqueles estranhos trajes, segurando o cajado em forma de serpente. Mas, uma mulher, mais corajosa, chamando-o de "senhor", respondeu:

-Senhor... queremos juntar-nos a vós. Servir-vos!

Antonio olhou atônito para eles, quase sem acreditar no que ouvira. Iria mandá-los imediatamente embora, mas viu que eram pobres. Havia idosos e muitas crianças nos colos das mães. Algumas delas choravam. Seus olhos indicavam claramente que eles temiam justamente serem mandados de volta. Antonio gaguejou, não soube o que dizer, mas, quase tomado por uma intuição, acabou balbuciando:

-Sois bem vindos aqui...

Então, acolheu-os em abrigos improvisados, nas ruínas. Mas, com o passar do tempo, construíram casas de pedras. Além disso, erigiram uma grande padaria. E também fornos. Montaram serrarias, madeireiras, tecelagens, ferrarias e cerâmicas. Ele dominava várias artes, mas também aprendeu humildemente com eles. Mas, na maior parte do tempo, ele teve que cuidar dos enfermos, o que lhe tomou muito tempo. Mas, mesmo ansiando por desvendar as placas de ouro, foi paciente. Estudava as placas à noite, dormindo pouco. Descobriu que podia retirá-las da prateleira e colocá-las sobre uma mesa que fizera.

Mas, a cada dia que passava, mais e mais pessoas ali vinham pedir abrigo. Humanos, na maioria, mas também gnomos e, até, poucos elfos foragidos. Uns trouxeram vacas, outros galinhas e cabras. E, logo, Lumerae se tornou populosa, pois ali, naquela época, quase três mil pessoas viveram.

Entretanto, não foram somente humanos, gnomos e elfos que para ali foram atraídos. Vendo, de longe, o fogo aceso, as salamandras tiveram naquela direção a atenção voltada. Porém, temendo o Monte, não vieram, mas mandaram emissários humanos.

Eles subiram o Lumerae em seus cavalos, mas estes, diante do portão, como por mágica, estancaram e empinaram, derrubando muitos. Passar se recusaram. Então, aqueles homens tiveram que entrar a pé, com os corações apertados pelo temor.

Antonio tinha providenciado que os elfos fossem escondidos pois, pelas salamandras, eram considerados criminosos. Mas o padeiro recebeu os emissários com bondade. Eles quiseram olhar todo o lugar. Perguntaram se foram eles que acenderam a pira, no alto da pirâmide, ao que Antonio respondeu afirmativamente. Mas, quando quiseram entrar na construção antiga, ele temeu, pois eram ali que os elfos estavam escondidos. Então, desejou ardentemente que os emissários se dessem por satisfeitos, apertando com força o seu agora inseparável cajado. O capitão dos emissários estava prestes a cruzar a abertura, quando Antonio disse meio que por instinto:

-Não me parece uma boa idéia entrar aí.

O capitão parou, indeciso. Então, repetiu como para si mesmo:

-Não me parece boa idéia entrar aí...



Então, deu meia volta e se foi e Antonio descobriu que tinha força na mente.

#####

No quarto ano de sua estadia em Lumerae, Antonio começou a traduzir as placas que já não mais versavam sobre a língua do antigo povo que construiu a pirâmide, mas sim sobre conhecimentos. Conhecimentos amplos e profundos sobre os mais variados temas, desde a medicina das ervas ou a conservação de alimentos, até tratados praticamente incompreensíveis. Horácio acompanhava com vivo interesse todo o trabalho e, nessa época, também já era capaz de compreender a língua antiga. Assim, ajudava nas traduções, transportando o conteúdo das placas para o papel, traduzido na língua geral humana da Mesovíngia Oriental.

E, quanto mais lia, mais Antonio aprendia e se surpreendia. Lia trechos dezenas de vezes, tentando absorver-lhes o significado. Uns eram fáceis de entender, outros, impossíveis:

A missão primordial dos magos no mundo é manter afastadas dos homens a inveja, a ambição e a corrupção. Essa é a prioridade.

A cada estrela que brilha no céu corresponde um mago.

Assim, em toda a galáxia, há duzentos mil milhões deles.

Uma quantidade de fato pouca, para lidar com as mazelas da existência.

Mesmo eventos que ocorrem em mundos distantes, separados por espaços incomensuráveis,

Podem estar conectados, pela malha de mentes da Existência.

Os planos detalhados de construção do canhão phaser instalado na Lua no Monte Armon foram escondidos.

São necessários para os reparos dos danos a ele causados pelo arcanjo Rafael.

O Cristal Branco controla os portais da evolução.

Quando ele foi partido, os portões estavam abertos, e assim permanecem.

Em fase transiente, cada fragmento assumiu, temporariamente, a forma de um harmônico esférico, determinado pela equação das ondas de matéria.

A partir de então, a intensidade de potência de cada fragmento passou a oscilar em fases diferentes, de acordo com a atividade do Sol.

Primeiro, os cristais laranja, azul, verde e vermelho atingem seu valor máximo, alternadamente, nessa ordem, em períodos de mil anos.

Depois, o cristal amarelo se sobrepõe aos demais, durante dois mil anos.

Finalmente vem o ciclo do último fragmento, que, durante cinco mil anos, mergulha o mundo em trevas.

Existem sete tipos de encantamentos básicos, os quais o mago deve dominar.

Eles controlam os estados da mente e da matéria, bem como suas transições.

São eles: calcinatio, coagulatio, sublimatio, destilatio, putrefatio, mortificatio e resurrectio.

Mas, acima desses, estão os encantamentos superiores, bem como suas variantes, que são: coniunctio, entropio, illuminatio, fractio, e decoeratio.

Ao se misturar 15 partes de salitre, 3 partes de carvão e 2 de enxofre,

Obtém-se um pó escuro, de alto poder de combustão, chamado pólvora.

Pois o Senhor da Luz proibiu terminantemente a utilização dessa substância.

Todo mago deve lutar para que o conhecimento de sua produção não seja dominado por homens e elementais.

Do contrário, um grande mal se abaterá sobre o mundo.

Os acontecimentos da vida, que são um mistério para a mente ordinária, têm estrutura fractal.

Se o homem é simples e ordinário e não conhece a filosofia, tal estrutura tem baixa dimensionalidade, embebida num espaço de fase multidimensional.

Há três categorias de magos: os proto-magos, os magos propriamente ditos e os arqui-magos.

Os critérios ideais para sua diferenciação são a conexão metempsicótica e a transsubstancialidade.

Assim, os primeiros são sensíveis ao posicionamento das estrelas, mas não são capazes de manter a decoerência mental com o mundo dos mortos.

Os arqui-magos estão próximos dos anjos. Portanto, têm controle parcial sobre a forma do corpo. Podem voar e, sob certas circunstâncias, atravessar paredes.

E, além dos magos, grandes homens e mulheres, de espírito elevado, andarão sobre a Micropella.

De grandes reis e rainhas, eles são chamados.

Serão reconhecidos pela sua marca indelével: um incondicional desejo de ajudar, sem esperar nada em troca.

Estes, pelos magos deverão ser instruídos. Mas, cuidado, sobre as estrelas nada lhes deve ser revelado.

Cada um deles dominará um dos quatro instrumentos à humanidade doados pelos quatro auxiliares do Senhor da Luz.

Miguel, a espada. Rafael, o escudo. Uriel, o cálice. Gabriel, o bastão.

O mago, quando reconhecido, deverá consagrar uma varinha, vara ou cajado.

E, para isso, o instrumento no líquido azul da pirâmide deve ser mergulhado.

A luz polarizada proveniente da Lua, refletida nos quartzos das montanhas da nascente do grande rio que corre para o norte, exerce efeito direto sobre certos polihormônios femininos, provocando grande transformação.

O processo fundamental através do qual a magia se realiza

É o controle consciente da ação da mente sobre o campo de probabilidades em que está imersa.

A realidade física que o homem experimenta é um estado emergente

Da interação dinâmica hiperdimensional da rede de mentes do universo interconectadas sincronisticamente.

A compreensão da natureza da luz leva ao entendimento da estrutura da realidade.

A luz vai da fonte até um ponto no espaço por todos os caminhos ao mesmo tempo.

Contudo, somente um caminho é perceptível: aquele que representa o mínimo de ação.

Da mesma forma,

A realidade emerge da minimização da ação necessária à maximização da aprendizagem, dentre todas as possibilidades.

Assim, dia após dia, mês após mês, ano após ano, Antonio tentava assimilar aquelas estranhas palavras e aquele difícil conhecimento. Ao longo do tempo, alguns aspectos foram se tornando mais claros, à medida que estudava e refletia sobre aqueles escritos. E, a cada frase lida, perguntava-se se ali não estava a resposta ao que procurava: do porque devemos sofrer e do porque as injustiças aconteciam nesse mundo. Perguntava-se se deveria prosseguir ou desistir ali mesmo.

Mas o tempo propõe sutis modificações. A cada dia, Antonio se tornava mais e mais respeitado pelos lumeraeanos. Ele os ajudava, acolhia e dava conselhos. Tornou-se um formidável líder e viu que não mais poderia abandoná-los. No fundo sabia que o que não podia, mesmo, era abandonar a humanidade.

#####

Mas, o evento derradeiro que o prendeu ao mundo aconteceu numa tarde chuvosa. Estava concentrado no trabalho, lendo uma placa que tratava da produção de aço. Então, ouviu um barulho. A princípio, julgou que uma janela se abria, pois o som parecia o de um relâmpago. Mas logo se lembrou que ali janela não havia. Elevou os olhos e seguiu o barulho. Atrás das prateleiras, num canto do salão o qual chamara biblioteca, uma espécie de raio se formara. Fachos azuis de eletricidade estática caminhavam pelo ar, como homem a cambalear. Então, aquilo tomou forma, um contorno humano.

Antonio olhou aquilo atônito, com um pouco de medo, enquanto sentia cheiros estranhos, como ozônio e azoto. Depois, uma pele começou a se formar, como se fosse tecida. Gradativamente um corpo se materializou, a pele, bem como a roupa. Viu que era alguém que se vestia estranhamente, com um macacão prateado. Mas era esdrúxula aquela figura, pois parecia bidimensional, como uma folha de papel. Era bem nítido, podia ver a sua fisionomia, mas falhas aconteciam, que intermitentemente apagavam partes de sua fisionomia, reconstituindo-se logo em seguida.

E, com os olhos arregalados, o antigo padeiro e, agora, senhor de Lumerae, ouviu o que a figura tinha a dizer:

-Ouvi. Não tenho tempo. Sou Regulus, um companheiro!

Antonio não sabia o que dizer. Pasma e assustado, recuou, quase tropeçando.

-Não tenhais medo. Ouvi. Pega lápis e papel e anotai o que tenho a dizer!

Mas Antonio pareceu não entender. Limitou-se a repetir a palavra que estranhara:

-Lápis?

Gesticulando e parecendo apressada, a figura rapidamente emendou:

-Tinta! Qualquer coisa para escrever.

Antonio ficou a fitá-lo durante alguns segundos. Tratava-se de um homem jovem e moreno. Seria um mago de outro mundo? Mas ele correu até sua mesa e trouxe o que ele pedira.

-Anotai os nomes – disse, parecendo aflito com alguma coisa, olhando para um lado e outro.

Ditou uma série de nomes, e Antonio foi anotando:

Bezoel de Sudana

Luiza de Beneguei

Dantos Estuven

Godos Estuven

Blindi, a rata

Alionor de Beliária

O ex-padeiro anotou tudo fielmente. Então, a figura apressadamente acrescentou:

-Vossa missão é achá-los. Testai-os como magos, e constrói a Ordem de Lumerae, mas advirto que o último é o rei! – A figura falava rápido, como se estivesse fugindo de algo prestes a aparecer. – E cuidai do vosso cajado. Ele é o Cajado do Mal e somente um espírito bom, purificado pela dor, pode manejá-lo! Grande tragédia advirá se um espírito pouco preparado o manipular.

-Mas... não entendo... – contestou Antonio, o mais rápido que pôde. – De onde vens tu?

Mas a figura olhou para um lado e outro novamente, como se estivesse se escondendo de alguém. Então, disse apressadamente:

-Tenho que ir! Mas... – e tentou forçar um sorriso – bem vindo ao clube! Ah, e lembrai-vos: vosso nome verdadeiro não é esse que usais nessa breve encarnação. Vosso nome é Sirius!

E desapareceu.

#####

Ano de 888 da Era das Salamandras. Minsdracbha, sessenta quilômetros ao sul da floresta de Roc-Hai.

O povoado de Minsdracbha vivia mais um dia como outro qualquer. Sua praça principal dava espaço para uma multidão de compradores e vendedores. Estes, organizados em pequenas bancas e tendas ao redor da praça, formando um círculo pouco organizado. Gritos e murmúrios preenchiam o ar com uma sonoridade caótica. E, em meio a esse emaranhado, cada pessoa tinha lá suas obrigações, preocupações ou mesmo prazeres. Por isso, alguns riam alto, outros resmungavam ou discutiam, e ainda outros regateavam. Todos envolvidos com compras e vendas ou então, o que era mais comum, fuxicos. E, dentre aquelas centenas de pessoas, apenas uma não compartilhava daquelas atividades: uma menina, uma criança de seis anos, suja e maltrapilha, mas não muito magra – dir-se-ia até mesmo um pouco rechonchuda -, que estava com os punhos amarrados por uma resistente fita de couro, na haste de uma tenda. Ela, mal humorada, já havia tentado se desvencilhar de todas as maneiras, mas a haste, profundamente fincada no chão, nem se mexia.

Mas a sua atenção foi voltada para um acontecimento extraordinário, pois um senhor veio correndo, atravessando o meio da praça através da multidão, gritando:

-Os irmãos Estuven! Os irmãos Estuven estão vindo!

A aflição e o medo passaram a estampar o rosto das pessoas, que formaram uma espécie de espaço vazio, no centro da praça, recuando gradativamente. Pouco tempo depois, aparecia uma carroça, puxada por dois cavalos negros. Era uma carroça de madeira escura e sua carroceria era, de fato, uma jaula, que estava abarrotada de pessoas. Idosos, jovens, adultos e crianças, de ambos os sexos, estavam ali comprimidos, vários com os braços para fora.

A carroça vinha escoltada por dois cavaleiros, um que vinha a frente, outro que vinha atrás. Seus cavalos também eram negros e traziam, estampado em suas camisas, o símbolo das salamandras: o homem pegando fogo. Eram pinturas rústicas, mal feitas. Por debaixo das camisas, usavam cotas de malhas de um metal prateado reluzente, que lhes subiam pelas nuças e terminavam com uma espécie de toca que lhes cobriam a cabeça. Usavam barba os dois irmãos gêmeos e grandes espadas que impunham respeito. Todos os conheciam, eram servos das salamandras.

Um velho dirigia a carroça e, sobre a gaiola de grossas ripas de madeira escura, estava um menino de uns dez anos, sentado.

A carroça parou bem no meio da praça, sendo que se iniciou um murmúrio geral. As pessoas se perguntavam o que os irmãos queriam ali. Mas um parou do lado do outro. Um era mais forte e o outro um pouco mais magro. Este disse:

-É a tua vez!

-Não. Vamos tirar no palitinho! – contestou o mais forte.

-Prometeste que seria a tua vez! – disse o primeiro, meio zangado.

Mas o outro já lhe estendeu, segurando com a luva negra, os palitos. O primeiro se conformou, sabia que não adiantava discutir.

-Está bem! Mas lembra-te, se eu perder, terás que subir duas vezes depois!

O mais forte sorriu. O outro tirou um palito. O mais forte escancarou o sorriso e disse:

-Perdeste de novo!

-És muito engraçado, Godos.

Assim, a contra-gosto, Dantos Estuven retirou uma espécie de pergaminho de um recipiente que trazia pendurado na sela. De um pulo, desmontou do cavalo e subiu sobre a jaula, ficando em pé, ao lado do menino. Desenrolou o pergaminho e iniciou a declaração. Não era a primeira vez que aquilo acontecia. O povo ficou calado, mas já sabia o que falaria:

-Em nome da Rainha Ishdrahmak vos falo – leu o homem, com um ar de enfado. – A piedosa rainha do Setentrião, portadora de quinhentos e nove cristais de darhvourhk, anuncia que terá a graça de trocar todos esses prisioneiros por uma criança saudável, entre três e onze anos, que seja saudável. Se for raquitica, por metade dos prisioneiros. Se for doente, por apenas um, mas saudável! Se criança alguma for apresentada, cinco adultos serão levados, de acordo com o decreto real do Arco Norte, número... – então, parou de falar, quase sem fôlego. Depois fez uma careta e terminou assim: - Ah! Vós sabeis! Etc, etc e etc!

Mal o cavaleiro havia terminado, gritos de súplicas partiram daqueles que estavam enjaulados na carroça. Esticavam os braços e imploravam. Alguns choravam, outros gritavam, enraivecidos:

-Ajudai-nos!

-Piedade!

-Queria ver se fostes vós quem estivésseis aqui!

-Uma criança, uma criança, por favor!

O povo que se reunia em torno da carroça, como por instinto, recuou um pouco. Estavam acostumados, mas havia algo de terrível naquela situação. Contudo, logo alguém teve uma idéia e berrou, no meio da multidão:

-A rata! Tragam a rata!

Imediatamente, outras vozes se uniram àquela:

-Sim! A rata! Ela é imprestável!

-Somente furta a todos!

-É uma ladra! Que seja devorada!

E, enquanto Dantos Estuven descia da carroça, a menina foi trazida por dois homens, um a puxava pela fita de couro, o outro a empurrava. Jogaram-na diante de Godos Estuven e ela caiu de boca no chão, comendo poeira. O cavaleiro desceu do cavalo. Ligeiro, segurou a fita, mas não olhou para a menina. Limitou-se a gritar:

-Raposa, abre a jaula!

O menino que estava sobre a carroça com habilidade deslizou para a parte de trás. Tirou a chave que guardava pendurada no pescoço e a abriu. Os prisioneiros passaram a descer, dando graças. A maioria ria, outros permaneciam carrancudos. Uma mulher correu até a frente da carroça e se ajoelhou diante de Godos, dizendo:

-Obrigada! Obrigada, senhor, por vossa piedade!

Mas ele nem olhou para ela.

Já um idoso, quando colocou os pés no chão, caminhou até diante de Dantos e cuspiu-lhe no rosto, esbravejando:

-Imundo serviçal das salamandras!

Satisfeito, o velho se foi. O cavaleiro passou a mão pelo rosto, para limpar o cuspe, mas nem fez menção de levar a mão ao cabo da espada. Godos, que viu a cena, passou a rir, enquanto arrastava a menina, que nem se havia posto de pé, dizendo:

-Ei, irmão, mais sorte da próxima vez!

Praticamente jogou a criança para dentro da jaula e o menino a trancou novamente.

Dantos olhou para a multidão, que ainda se aglomerava em volta e esbravejou:

-O que estais olhando? Voltai aos vossos afazeres! Tratai de vossas vidas!

Então as pessoas lentamente se dispersaram, em meio a densos murmúrios.

Dentro da carroça, com fiapos de palha grudados no rosto, em meio a excrementos, a menina se acomodou sobre os próprios joelhos e notou que estava sendo observada. O menino, pendurado na grade do lado de fora, a olhava, curioso.

-Que foi? – perguntou ela, rústicamente. – Nunca viste?

Ele demorou um pouco para formular a pergunta. Estava curioso com a aparente calma da menina. A carroça passou a se mover.

-Não estás com medo?

A menina olhou para ele. Não foi um olhar que expressava medo, nem raiva. Mas era um olhar profundo, quase desconcertante. E, sob esse olhar, ela respondeu:

-Não.

#####



Beneguei. Sul das Montanhas Chorasas.

Eles riam e caçoavam. Jogavam-lhe coisas, ovos, pães mofados e até pedras. Alguns lhe cuspiam. Ela nada mais podia fazer a não ser tremer. Estava frio. Era manhã, o Sol mal havia se levantado, preguiçosamente. A humilhação começara no meio da noite. Fora descoberta dormindo naquele galpão e fora expulsa. Na rua, fora pega por um bando de três homens bêbados. Rasgaram as suas roupas e aquilo foi uma tortura. Depois fora pega vagando pelas ruas, assim, nua, e confundida com uma rameira. Simples.

Uma pedra atingiu a sua testa, fazendo brotar um fio de sangue. Quase nem sentiu. Parecia que não estava dentro de si mesma, mas vagando por um outro mundo. Um mundo escuro, feito de silêncio, de segredos insondáveis. As pessoas que a rodeavam, ali, rindo, cerrando os dentes, gesticulando a sua volta, pareciam se mover devagar, como lesmas, como se o tempo tivesse parando. E não ouvia som nenhum. Ouvia, mas não ouvia. Percebia seus lábios se movendo, naquela lentidão quase estática, sabia o que falavam, que impropérios proferiam, mas, de fato, não os ouvia. Pareciam insignificantes. Insetos a infestar a terra.

-Vadia! – diziam uns.

-Vagabunda! – diziam outros.

-O que vamos fazer com ela? – indagavam.

-Vamos queimá-la! Atear-lhe fogo! – respondeu um no meio da multidão.

-Vede como ela não teme! Será uma bruxa? – colocou outra.

De fato, Luiza de Beneguei não exibia qualquer indício de medo ali, ajoelhada no chão, nua, humilhada. Mas havia uma expressão no seu rosto. Uma expressão bem forte e marcada. A expressão do ódio. Um olhar que a todos incomodava e mais: amedrontava. As pessoas que ali estavam, os humilhadores e algozes, não sabiam, não tinham consciência de si mesmos, mas era exatamente esse medo – que confundiam com indignação moral – que os faziam desejar a morte daquela menina.

Luiza sentiu que alguém segurou nos seus longos cabelos negros e a puxou para trás. Sentiu que seria arrastada até algum lugar, onde provavelmente a matariam. Mas algo os fez parar. Sentiu como se o chão tivesse tremido. Ouviu um som. Um baque. Então todos silenciaram e procuraram a origem da perturbação. Seus cabelos foram largados. A primeira coisa que viu, diante de si, a uns dez metros, foi um estranho homem. Na verdade, pareceu-lhe, um velho. Um senhor de longos cabelos e barba, entre o marrom e o acinzentado. Vestia uma longa túnica azul clara e segurava algo na mão.

Quando Luiza viu aquele objeto, nada mais parecia existir além dele. Um cajado. Era torto, escuro. Possivelmente o homem batera com ele no chão e produzira aquele som que fizera o chão tremer. Havia um poder naquele instrumento. Algo que ela podia sentir fundo em sua alma. Aquele poder amedrontou aqueles que a rodeavam. Estúpidos de alma fraca.

O homem estreitou os olhos e disse, suavemente:

-Percebestes bem o que fazeis com essa criança?

E passou a andar calmamente em direção à vítima.

Instintivamente, as pessoas recuaram, até que o homem se postou ao lado dela. Luiza, estranhamente, se sentiu segura e salva.

Em princípio, as pessoas se silenciaram, mas um deles, depois de algum tempo, falou:

-É uma vadia, uma inútil! Vamos dar cabo dela!

Diante daquelas palavras, Sirius não disse nada, apenas olhou para o homem. Um olhar fixo, profundo, seguro e desconcertante, como se o próprio Senhor da Luz estivesse ali presente. O homem, atingido por aquele olhar, apenas abaixou a cabeça e se afastou, lentamente.

-Rigel – disse o mago para um velho que estava distante, ao lado de uma carroça, às suas costas, - traze algo para cobrir a menina.

O velho apanhou um cobertor na carroça e se aproximou, o mais rápido que pôde. Cuidadosamente, cobriu-a, mas, quando fez um gesto para tentar erguê-la, ela se desvencilhou, quase violentamente.

Sirius a observou atentamente. Depois, estendeu a sua mão, dizendo:

-Vem, criança. Vamos te dar abrigo. Um lar.

Ela olhou para ele. Tinha olhos profundamente verdes. E, embora sujo, Sirius jamais vira rosto mais belo.

Lentamente, ela elevou a sua mão. Tremia, mas não era perceptível para quem não fosse um mago. Então, as mãos se tocaram. Luiza se sentiu inexplicavelmente contrariada, pois o contato morno daquela mão lhe transmitira uma sensação de paz e conforto. Já Sirius sentiu uma miríade de coisas diferentes e contraditórias. Primeiro, sentiu uma espécie de rejeição selvagem. Sentiu que aquela menina era uma espécie de fera difícil de ser domada. Mas, ao mesmo tempo, sentiu algo completamente diferente. Fora a maneira que ela agarrara a sua mão. Fora como... como uma criança quando reencontra a mãe após estar perdida. Aquele toque levemente trêmulo sugeriu ao mago algo como: "Salva-me!".

Ele puxou e a levantou. Depois ela deixou-se ser conduzida por Rigel até a carroça. Mas Sirius ficou pensativo, no meio da multidão atônita que, parecia-lhe, nem mais existia ali. Havia um terceiro elemento naquele toque que o perturbava. Ficou a olhar Rigel e Luiza se distanciarem, vagorosamente.

Muitas coisas lhe passaram pela mente. Começou com lembranças. Lembrou-se de Regulus, da lista de nomes, de seu nome, Sirius. Lembrara-se que Emeralda, no mundo dos mortos, lhe chamara assim. Ainda lhe parecia estranho, pois se acostumara com Antonio. Mas, o que não esperava, era que Horácio, escondido como era de hábito, observara o seu encontro com Regulus e, espantado e maravilhado, saíra correndo por toda Lumeræ, e contara o que havia entendido: que Antonio, na verdade, era Sirius, o mago.

E, quando Antonio, o padeiro, emergiu de dentro da pirâmide, naquele dia, já não era mais ele, mas Sirius, o supremo representante do Senhor da Luz no mundo.

Depois lembrou-se da lista de nomes. Decidira seguir por aquela ordem. O primeiro era Bezoel de Sudana. Mas conhecera um Bezoel, superficialmente, em Sudana. Um velho e solitário que, diziam, havia vindo fugido de Ismar, por algum motivo. E, por acaso, esse Bezoel vivia em Lumerae, pois ouvira falar de coisas maravilhosas que aconteciam ali. E, quando Sirius se aproximou dele, naquele dia, ele simplesmente se ajoelhou, para a surpresa do mago. Em seguida, Sirius disse: "Segue-me!", e ali estava ele, desde então.

Agora era a segunda, aquela Luiza. Aquela que, com aquele simples toque, desconcertara o velho e alquebrado mago de Lumerae. E esse desconcerto tinha apenas um motivo: fora um toque tépido e suave. Sentira a textura daquela pele jovem e aquilo lhe arrepiara. Sentira uma onda de torpor e - por que não dizer? - prazer, percorrendo-lhe o cérebro e a coluna vertebral. E, é claro, aqueles olhos verdes e aquele rosto angelical, o perturbara a ponto de abandonar, temporariamente, a noção de realidade.

#####

A carroça prosseguia aos solavancos pela estrada empoeirada. Foi somente no fim da tarde que pararam para uma refeição. O garoto enfiou um pedaço de pão duro e um odre de água pela grade, que caíram na palha. A rata apanhou o pão e passou a roê-lo, vorazmente. O menino ficou olhando bem para ela.

-Que foi? – indagou a menina, rispidamente.

Mas ele estava intrigado. Curioso.

-Por que não sentes medo? – indagou ele, com cara de espantado.

Ela nada respondeu, ainda roendo o pão. Parecia pensar numa bela resposta. Depois tomou uma talagada de água e guardou-a entre as bochechas, parecendo saborear. Então, finalmente engoliu, vagarosamente. Depois olhou para ele e disse, com segurança:

-Não vou morrer.

Sem tirar os olhos dela, ele sorriu, quase com deboche e depois retrucou:

-Vai sim! Vai ser dada para a rainha do Setentrião. Ela te soltará no jardim, que não tem saída. Aí ela vai te caçar. Não há como fugir dela. Quando ela se cansar da caça, vai cuspir fogo e te queimará. Depois vai te devorar!

Ele queria amedrontá-la, contando a verdade. Mas ela nem se abalou. Continuou a comer tranquilamente. De boca cheia, contra-argumentou:

-Não vão conseguir levar-me a Piramar.

-Ah, é? – indagou ele, com ar desafiador. – E quem vai nos impedir?

-Os cavaleiros arqueiros de Roc-Hai. Já ouviste falar neles, não?

O menino refletiu por alguns momentos, mantendo um sorriso amarelo. Pensou um pouco, depois respondeu:

-Roc-Hai ficou para trás. Já fomos atacados por eles uma vez. Uma vez só em vários anos. Mas os Estuven deram cabo deles!

Ela já não mais comia. Havia devorado o pão inteiro. Mas olhou bem nos seus olhos. Um olhar fixo e desconcertante. Então, profetizou:

-Mas, desta vez, uma flecha vai atravessar a tua garganta. E morrerás em agonia!

O menino estremeceu diante daquelas palavras e daquele olhar. Tentou se convencer que era apenas um jogo que ela estava montando, mas aquele olhar tinha qualquer coisa de fatalidade.

-Sei o que estás tentando fazer: assustar-me!

-Tens apenas uma esperança: soltar-me! – acrescentou ela.

Então ele riu.

-Ah, sabia! Estás tentando me enganar! Quase caí nessa história de arqueiros!

Então ele se desvencilhou das grades onde estava trepado e se afastou da carroça.

-Acontecerá hoje no crepúsculo! – gritou ela, mas ele nem se virou.

Contudo, ela tinha um objeto na mão. Um fino pedaço de metal, que retirara da armação do odre.

E, de fato, pouco antes do Sol sumir, o percurso da carroça foi interrompido pois, simplesmente, o seu condutor foi atingido por uma flecha e caiu na estrada. Os irmãos Estuven detiveram os seus cavalos, sacaram escudos de madeira que traziam pendurados nos cavalos e procuraram de onde a flecha havia partido. Outras flechas chegaram, atingindo os escudos e a carroça. O garoto se jogou no chão e engatinhou o mais rápido que pôde até a próxima árvore, escondendo-se atrás dela.

-Vem de lá! – gritou Dantos.

Esporearam os cavalos e partiram para onde julgaram que as flechas foram projetadas. Era a oportunidade ideal. Blindi, a rata, enfiou o pedaço de metal na fechadura e, com facilidade, abriu a porta. Pulou para fora com agilidade. O menino, vendo isso, gritou:

-Droga!

Mas, em vez de correr para longe, ele, espantado, viu que ela rumou diretamente para ele. E, sem entender nada, sentiu ser atingido pela cabeça da rata. Foi projetado contra o chão, enquanto uma flecha passava zumbindo próximo à sua cabeça. Fora salvo. Mas ela não esperou pelo agradecimento. Mais rápida que uma gata, se levantou, e saiu correndo.

Mas não foi muito longe. Quando atravessou um tufo de arbustos, para não ser mais vista, deparou-se com um cavalo. Um dos Estuven, Godos, pulou para o chão, com a espada na mão. Por uns instantes, ela parou, sem saber o que fazer diante do que não previra. Ele, incontinenti, agarrou os seus cabelos e se pôs a arrastá-la. Ela viu, então, o estado de sua espada: pingava sangue, sangue humano, deixando um rastro pela estrada.

#####

Viajaram mais um dia. O menino assumiu as rédeas da carroça ainda intrigado pois, depois de tudo o que acontecera, a prisioneira não mostrava sinais de temor. Já era o fim da tarde quando foram interrompidos novamente. Uma estranha figura surgiu no meio da estrada. De longe, parecia um velho mendigo. Estava postado bem no meio, numa região de colinas abarrotadas de pedras. Ele se fixou num ponto onde a estrada era ladeada por grandes rochas. Assim, seria impossível desviar dele. O menino olhou para Godos e ele não estava com cara de bom amigo. Esporeou o seu cavalo e tomou a dianteira. Parou rápida e ameaçadoramente em frente ao mendigo, mas este nem se abalou.

-Sai do caminho, velho. Precisamos passar! – disse Godos, com voz firme.

Sirius, que usava uma túnica feita de tecido rústico, levantou o olhar e encarou o interlocutor. E aquele olhar foi tão seguro e profundo que desconcertou o cavaleiro.

-Passar? – disse o mago. – Mas vosso verdadeiro caminho é para o sul!

É claro que Godos Estuven não entendeu o que ele queria dizer. Assim, julgou-o demente.

-Deves sair. Se não por bem, por mal!

-Estou aqui para levar a vossa prisioneira, Blindi, a rata – declarou Sirius.

Estuven ficou espantado com a fala. Nisso Dantos aproximou-se também. E, para caçoar do irmão, disse:

-Que foi, irmão? Não dás conta de lidar com um pobre mendigo?

Godos passou a rir após alguns segundos.

-Ah! Ele está me desafiando! – disse o irmão mais velho, ainda a rir.

-Vejo que encontraste um adversário a altura, há, há!

Mas Godos também já estava irritado. Então, para acabar logo com aquilo, tirou a espada da bainha e vociferou:

-Some daqui ou vais sentir o fio da minha lâmina!

-Ah, um desafio... – disse o mago, suavemente. – Mas, advirto-te: tens poucas chances contra um mago de Lumeræe.

-Mago? – duvidou Godos, pulando do cavalo. – Bobagem! Quero ver se não vais correr agora!

Ele elevou a sua espada e desferiu um golpe. Um golpe suficientemente lento para dar oportunidade ao oponente sair correndo. Isso era o que esperava. Mas, ao invés disso, Sirius elevou o cajado e interpôs o golpe. Godos arregalou os olhos. Viu a forma do cajado e aquela aparência de serpente empalhada lhe produziu um tremor a percorrer a espinha. Então, recuou um passo, enquanto o irmão ria, achando aquilo engraçado. Mas Godos havia sentido uma força, uma força que estava além da sua compreensão.

-Se parares agora – disse o mago, - aceitarei vossa rendição!

Aquelas palavras irritaram profundamente o cavaleiro. Então avançou novamente contra o oponente, com a espada em riste, bradando:

-Arrancarei tua língua, seu insolente!

Então atacou ferozmente. Mas, a cada golpe da espada, cada vez mais agressivo e mortal, Sirius lhe interpunha o cajado, numa agilidade inexplicável. E, por mais que aquilo se parecesse com madeira, o cavaleiro não conseguia explicação do porque a espada não o cortava.

Reunindo todas as suas forças, concentrando toda a sua raiva, Godos desferiu o último golpe. A espada e o cajado se uniram, tremendo em grande tensão, os rostos se aproximaram. Estiven viu que o adversário, de perto, não parecia tão velho assim, embora, de longe, seus cabelos prateados assim o indicasse. Mas, o que o desconcertou, de fato, foi que, longe de demonstrar temor, ele sorria, como se tivesse a brincar. Assim, pôs todo o peso que podia no cabo de sua espada, para forçar o cajado a abaixar. Mas Sirius, ainda sorrindo, sussurrou:

-Destilatio!

E, aterrorizado, Godos sentiu que o cabo da sua espada se aquecera, sua lâmina amolecera, tornando-se incandescente. Em poucos segundos, sua espada derretia, bem diante dos seus incrédulos olhos. Teve que soltá-la, pois já queimava a sua mão. Deu dois passos para trás, espantado, sem saber o que fazer. O irmão já não mais ria. Havia também arrancado a sua arma, mas hesitava, ainda em cima do cavalo.

O mago, em seguida, aproximou-se de Godos. Olhou bem nos seus olhos e disse:

-Permite me apresentar: Sou Sirius, o Senhor de Lumerae.

Godos olhou para o mago ainda mais incrédulo. Dantos indagou, estranhando:

-E desde quando Lumerae tem um senhor?

-Ah, já há muitos anos, meu rapaz! – exclamou Sirius, sorrindo.

-Não acredito! – exclamou Dantos.

-Pois não é só a menina que vim para levar... – retrucou o mago. – Mas a vós também! Estou disposto a oferecer-lhes um emprego, vida nova.

-Vai, embora, velho – disse Godos, visivelmente perturbado, quase sussurrando. – Somos pecadores, assassinos, servidores das salamandras... – Então o cavaleiro deixou-se ruir no chão, pálido, caindo sobre os próprios joelhos, ao lado da espada derretida e, olhando para o nada, concluiu: - Nossas almas estão irremediavelmente perdidas, condenadas ao fogo eterno!

Sirius observou atentamente o estado de espírito de Godos Estuven. Viu como o encantamento destilatio, que não fora endereçado apenas à sua espada, fazia efeito no interior do homem. Ele parecia derrotado, perdido, horrorizado diante da própria alma.

Mas Sirius sorriu novamente e, fazendo aquele gesto que o caracterizaria por décadas, apoiou-se no cajado, e disse com voz serena:

-Pois colhi informações sobre vós junto a muitos povoados. Sei que crescestes em Piramar e não conhecestes outra realidade. Sei que muitos inocentes morreram através de vossas ações, mas sei também que muitos foram salvos. Muito mais que os condenados. Sei que liberastes muitos em troca de poucos e, mesmo estes, alguns, sei, que libertastes.

-Estás nos absolvendo então? – indagou Dantos, ainda intrigado, do alto do seu cavalo. – Estás dizendo que tínhamos o direito de escolher quem ia viver e quem ia morrer?

-Não – respondeu o sereno Sirius. – Não estou aqui para julgar-vos. Ofereço-lhes um emprego, uma vida nova. Um local para morar, comida de sobra e o mais importante de tudo: a paz de espírito!

#####

Luiza abriu os olhos, pois um fecho de luz atingiu-lhe a têmpora. O Sol nascera e a acordara. Estava com dor de cabeça. Devia ser a maldita altitude. Levantou-se de um pulo, tirou a camisola, jogando-a sobre a cama e pôs o vestido que lhe haviam dado. Por que estava sendo servida? O que esperavam dela? Aquele velho, o de olhar profundo, dissera-lhe apenas que iria cuidar dela. Mas o que ele queria em troca?

A porta não estava trancada. Poderia sair. Poderia ir embora? Estava no terceiro andar de uma casa grande, toda feita de pedra. Desceu quase correndo as escadarias e atravessou o portão aberto. Nada de guardas. Chegara a noite e então não pudera ver direito. Virou-se. Era uma espécie de palácio. Uma casa grande, com muitos quartos. Estivera no último andar, mas a construção era larga, com algumas centenas de metros de extensão e muitas janelas. O telhado, ao longo de toda a construção, era em forma de “v” invertido, mas, sobre cada janela do terceiro andar, havia uma espécie de pequena torre retangular, com o seu próprio pequeno telhado. E, vendo mais adiante, percebia-se que ainda estava sendo construído.

As ruas e praças estavam já cheias de gente, embora o Sol mal acabara de raiar. Pessoas atarefadas. Em frente ao palácio havia uma espécie de largo, todo calçado com pedras

retangulares e, por onde quer que se olhasse, via-se casas e prédios sendo construídos, em diferentes etapas. Isso era Lumerae. Quantas pessoas viveriam ali?

A área no topo do monte não devia ser muito grande. Ali certamente não caberia uma grande cidade como Beliária ou Piramar, mas uma cidadela, algo um pouco maior que uma vila. Mas, mesmo assim, não deixava de ser impressionante, pois, bem no centro, elevava-se a pirâmide. Luiza a via pela primeira vez. Quantos metros tinha não sabia, mas via claramente que era alta, mais alta que qualquer construção. Sua face leste brilhava com a luz da manhã, mas seu cume estava oculto em brancas nuvens, que pareciam tão baixas, que dava a impressão de se poder tocá-las com a palma da mão.

Estava frio ali, mas não se importava. Passou a caminhar. Atravessou o largo. As pessoas lhe pareciam pacíficas. Seriam ovelhas? Caminhou até a borda mais próxima e olhou lá para baixo. Viu os dois grandes rios. O Sanco vinha do sul e o Mégion, do leste. Este se precipitava em grande queda, enquanto que o primeiro passava por baixo. Diziam que era o local mais temido pelas salamandras. Diziam que elas ficavam enfraquecidas quando se aproximavam dali.

Mas não era as salamandras que odiava. Tinha por elas até certa admiração. Eram fortes e determinadas. Não. Era dos fracos que queria se vingar. Dos escravos da bebida e do jogo. Foram eles que a maltrataram e violaram. Eram vermes que se rastejavam e que não mereciam viver.

Seu peito se agitou e, conseqüentemente, sentiu um pouco de falta de ar. Olhou instintivamente para o seu lado esquerdo e avistou o portão externo da cidadela. Caminhou até ele. Uma de suas folhas estava aberta. Algumas pessoas entravam e saíam de vez em quando. Não avistou nenhum guarda. Aliás, até agora não vira ninguém armado. Será que a deixariam passar?

Quando chegou ao portão, atravessou-o um tanto hesitante. O que significariam aqueles símbolos ali gravados? Estava do lado de fora. Poderia continuar, se quisesse. Não havia ninguém para lhe impedir. Poderia continuar, descer o monte. Mas estava curiosa. Então se deteve e retornou. Entrou novamente na cidadela. Estava com fome. Talvez houvesse algo no palácio.

Mas, quando estava a atravessar novamente o largo, foi interpelada. Aquele velho. Não o do cajado, mas o outro, o tal de Rigel.

-Senhorita Luiza – disse ele, inclinando a cabeça diante dela, - o mestre gostaria da vossa presença no desjejum.

Ele tomava uma espécie de mingau, na cabeceira de uma mesa retangular. Rigel indicou-lhe o lado oposto. Puxou-lhe a cadeira para sentar, dizendo:

-Senhorita!

Era estranho. Por que a tratavam assim?



-Bom dia, senhorita. Como passastes a noite? – indagou Sirius, sem se levantar.

Ela se sentou e nada respondeu. Nem sorriu tampouco. Apenas perguntou:

-Então és o senhor de Lumerae?

Ele sorriu de volta.

-Senhor... talvez não seja a palavra mais adequada.

-Leite ou chá? – indagou Rigel, prestes a servi-la.

Ela apontou para o leite, olhou para o velho e indagou:

-E tu és o serviçal!

-Se preferires assim, senhorita – disse ele, fechando os olhos.

-E qual é a diferença entre a servidão e a escravatura?

Sirius se manteve calado, analisando-a. Mas Rigel olhou bem para ela e, mantendo a simpatia e humildade, respondeu:

-A consciência!

Depois, inclinou-se e disse:

-Meu senhor, senhorita.

E saiu.

Alguns segundos de silêncio. Sirius viu ali petulância, mas também uma dor profunda.

-Quem te deu essas terras? Quem te fez senhor daqui? – indagou ela, com um certo ar desafiador.

-Não sou dono de Lumerae. E quem me trouxe aqui foi o Senhor da Luz – respondeu o mago, serenamente.

Ela não conseguiu deixar de rir, emendando:

-Foi isso o que dissesstes para que todos acreditassem?

Sirius demorou para responder, analisando-a friamente, o que a desconcertou um pouco. Mas depois disse:

-Nada disse a eles, aos que aqui vieram.

Depois, o mago tentou mudar o foco da conversa, indagando:

-Quantos anos tendes, filha?

-Treze – ela respondeu, com raiva na palavra. – Queria ser maior e ter uma espada. Fazia bom uso dela. Mas ela não queria mudar o rumo da conversa:

-Por que me trouxestes? O que quereis de mim? Sou prisioneira aqui?

-Não, não sois prisioneira – apressou-se em responder. – Recebi instruções para trazê-la. Acredito que sejais uma maga... como eu.

Muitas informações. Ela pensou naquilo, processou as palavras. Depois riu novamente.

-Maga? Essa é boa! Dissestes ser um mago? Então vamos lá: faze esta faca desaparecer!

Então, segurou a faca que estava usando para passar manteiga no pão.

-Não posso fazer isso – disse Sirius serenamente. – Vossa mente a mantém materializada em vossa mão. Uma materialização muito forte por sinal...

-Duvido que sejais um mago! – disse ela, quase gritando. – Não existe magia. O que existe é apenas esse mundo duro, sujo, injusto!

-Não nego que este mundo, gerado por mentes tão primitivas, não seja justo. Se sou mago ou não... não importa. Mas podemos verificar se vós não sois!

-Quero ir embora! – exclamou ela.

-Podeis ir – respondeu ele. – Mas, se fordes, nunca sabereis!

Sirius disse isso olhando bem para aqueles belos olhos. Aquilo a atingiu. Ela teve a impressão que o seu rosto assumira uma luminosidade estranha. Constatou que ele tinha idade para ser o seu pai. Um pai que nunca tivera. Mas reparou outra coisa: ele estava com uma barba grisalha, bem aparada. Sua face deixava transparecer que, durante a vida, sofrera, mas... estranhamente achou-o terrivelmente bonito. E se ele estivesse dizendo a verdade? E se fosse, realmente, uma maga. Uma maga teria poder. Um poder bem mais forte que uma espada.

Decidiu ficar. Após o desjejum, rumaram para a pirâmide.

-Para sabermos se sois uma maga, deveis ser testada – disse Sirius.

-Testada? Que tipo de teste? – estranhou ela.

-O primeiro deles: deveis dormir no interior da pirâmide, na câmara astrológica. Saberemos vosso real nome.

-Meu real nome? Eu sei qual é: Luiza!

-Não – disse o seguro mago. – Este é um nome circunstancial, que usais nesta encarnação. Teu verdadeiro nome é aquele que é imutável, ao longo das intermináveis eras!

Luiza já ia perguntar mais alguma coisa, mas, a essa altura, já estavam no interior da pirâmide, subindo a rampa, o que a impressionou bastante devido à solidez da construção e também dos símbolos que forravam as paredes. Imagens em baixo relevo retratando homens primitivos, batalhas, anjos, reis e nobres.

A rampa dava acesso à câmara central, situada no eixo central da construção, um pouco acima do nível da entrada. Estava iluminada agora. Uma grande quantidade de archotes banhava o recinto com uma luz amarelada e cansativa, mas que faziam os detalhes, folheados a ouro e prata, reluzirem. E, no interior da câmara, que na verdade não era um grande recinto, duas coisas se destacavam: um altar que não passava de um bloco de granito, do tamanho de uma carroça, sem qualquer marca ou inscrição e, portanto, difícil de lhe adivinhar o propósito, e, além disso, um objeto estranho que, num segundo olhar, Luiza pareceu reconhecer: um cajado em forma de serpente colocado na posição vertical, espetado numa espécie de plataforma circular, feita de cimento, com uns dez centímetros de altura. Assim, a cabeça da serpente ficava na altura do peito.

Sirius entrou primeiro e se pôs a observar a jovem. Ela a tudo olhava admirada, mas, quando viu o cajado, foi como que por ele atraída. Aproximou-se dele vagarosamente e tocou-o, deslizando a mão sobre a sua superfície escura, como a acariciá-lo.

-É o seu cajado? – indagou ela.

-Não esse é um outro... – respondeu ele, com um estranho pressentimento lhe percorrendo a espinha, um pressentimento que não podia desvendar totalmente.

Então, ela fechou a mão em torno do cajado e, lentamente, o ergueu. Sirius fechou os olhos, pois foi tomado por uma incompreensível sensação de tristeza e pesar. Ele, de todas as formas, tinha tentado retirar aquele objeto dali, mas fracassara. Então, concluíra que apenas aquele, ou aquela, a quem ele estivesse destinado poderia fazê-lo. E essa era a menina que tinha diante de si. Foi uma estranha sensação vê-la segurando a outra serpente, olhando-a com um ar de admiração e, ao mesmo tempo, satisfação, como se um milhão de pensamentos e sensações percorressem sua jovem mente, pois Sirius sabia que, tal qual as serpentes, a vida dela e a sua estariam irremediavelmente emaranhadas.

#####

Aquelas duas crianças estavam rolando na lama já a mais de dez minutos. A algazarra era geral. Elas riam e tentavam afundar a cabeça uma da outra na porcaria. As outras, formando uma roda em volta, brincavam jogando sobre elas ainda mais lama. Elas pareciam se divertir pra valer. Mas, de repente, as crianças em volta se calaram, e a rata ouviu uma voz estridente:

-Senhorita Blindi! Isso são modos?

A outra menina a soltou e ela sentou-se na lama, toda suja, mas ainda sorrindo. Depois colocou-se de pé, tentando não escorregar novamente, enquanto que a outra se arrastava para longe. Então ela tirou um pouco de sujeira do rosto, para enxergar alguma coisa e viu que Sirius estava bem diante dela, esperando, com os punhos na cintura.

-Ô, ô! – exclamou ela.

Mas ela não tinha medo dele. Em vez de tremer, estendeu-lhe os braços, como a pedir-lhe colo. Sirius olhou bem para ela e não pôde deixar de sorrir. Apanhou-a no colo, sujando-se todo, e falou:

-Não achas que já és grandinha para isso?

E passou a andar para o palácio, que, na verdade, não era um palácio, mas uma grande casa, onde não moravam nobres, mas a maioria dos habitantes do local.

-Onde já se viu uma mocinha tão bonita quanto tu ficar assim rolando pela lama? – continuou o mago.

-Mas aquela menina era uma capeta dos infernos! Me puxou pelos cabelos! – disse a menina.

-Ora! Que palavreado impróprio! – exclamou ele, rindo.

Então, ela encostou a cabeça no peito do mago e confessou, meiga:

-Sabes... sabia que virias me salvar!

-Ah, sabias? Como?

-Eu vi você! Eu vejo coisas, sabes?

-Como assim? Em sonho?

-Em sonho e também acordada! Isto é... às vezes eu sonho acordada!

-Está bem – disse ele. – Mas agora vamos tomar um belo banho!

-Vi uma coisa sobre ti a noite passada!

-Ah, é? O que?

-Estavas a frente de um dragão. O maior e mais terrível dragão do universo! Um demônio dos diabos! Tu e ele lutaram!

Sirius estremeceu. Até parou de andar por alguns instantes. Havia alguma coisa diferente com aquela menina. Aquele rapaz, o carroceiro, havia falado qualquer coisa sobre ela. Quando se recobrou um pouco passou a andar novamente, ainda a segurando. Depois perguntou:

-Que interessante! E quem ganhou a peleja?

-Ambos! – respondeu ela, misteriosamente.

#####

Após um longo tempo, depois de se virar muito, agitada, Luíza finalmente adormeceu. Já era tarde da noite, mas ali, na câmara astrológica, aquilo não fazia muita diferença. Não havia janelas para se saber se era dia ou noite, apenas uma longa fresta horizontal, ao longo das paredes. Um orifício destinado à observação dos astros e delimitação do ângulo que as estrelas assumiam em relação ao horizonte. A câmara tinha uns cem metros quadrados e em suas paredes internas, iluminadas apenas pelos archotes, estavam retratadas todas as constelações que eram possíveis de se ver a olho nu. Cada estrela era representada por uma peça de ouro incrustada na parede. E os nomes de todos esses sóis estavam grafados em baixo relevo. Sirius, sentado numa desconfortável cadeira ao lado do leito de granizo em que ela repousava, sobre um colchão de penas, agora imaginava a qual das estrelas corresponderia aquela menina.

Estava fazendo o teste com todos os indicados na lista de Regulus. Fora assim que descobrira que o velho Bezoel, na verdade, era Rigel, e que Dantos e Godos Stufen, eram Castor e Pólux. Mas estes – Sirius descobriria mais tarde – eram de fato protomagos. Rigel se recusara a fazer a prova da submersão ao mundo dos mortos – pois dissera que preferiria servir Lumerae como um humilde auxiliar - e Castor e Pólux jamais conseguiriam tal feito nessa encarnação. Blindi, a rata, se mostraria, mais tarde, como Bethelguelse, a profetisa, mas essa menina que estava ali... Luíza, havia algo de diferente nela. Um poder, uma determinação quase amedrontadora. Qual seria o seu nome verdadeiro? E, olhando-a assim, praticamente indefesa em seu sonho de menina... parecia frágil. Mas havia uma coisa que Sirius não compreendia acima de todas as coisas: por que ela tinha que ser tão bonita?

A despeito das agressões que Sirius sabia que sofrera, cada milímetro do seu rosto e corpo eram perfeitos. Era como se ela tivesse surgido de um sonho que sua própria mente concebera. Sirius sabia que tinha que se controlar. Um mago de Lumerae não podia ceder a apelos tão mundanos. Tinha que se fiar na família que perdera. Na sua adorável esposa que o esperava no outro mundo. Mas... ela lhe dissera para se casar novamente, e aquilo lhe soava como uma fraqueza, uma porta para a entrada da tentação. Luíza era apenas uma menina agora, mas cresceria, se tornaria uma mulher. Talvez ainda mais bela... Sabia que não podia se permitir mas... não sabia exatamente o porque. Não sabia exatamente porque agora não poderia acariciar a sua face perfeita... Há tanto tempo não experimentava o conforto do carinho de uma mulher!

Assim, perdido em tais sentimentos, finalmente as suas pálpebras se mexeram. Ela se agitou, mas em sono profundo. Pronto, a hora era aquela. Olhando para o relógio mecânico sobre um pedestal, que exibia uma grande quantidade de molas e engrenagens, anotou a hora. Depois, virou o relógio de areia. Agora era só esperar a areia escorrer e observar pela fresta. Isso levaria uma meia hora. Depois, saberia, e poderia deixá-la lá, sair e tirar aqueles pensamentos desconcertantes da cabeça.

Desta forma, para passar o restante do tempo, procurou desviar os pensamentos. Tinha que se concentrar naquilo que se constituía a principal tarefa dos magos nesse mundo: a

proteção da humanidade. Os livros antigos diziam que Aor criaria a Ordem de Lumerae ao final da Era das Salamandras, como uma garantia para a entrada da Era dos Homens e, para isso, os magos deveriam encontrar e proteger aqueles que seriam chamados de Grandes Reis e Rainhas. Eles seriam em quatro, nascidos ao longo de aproximadamente um milênio, os reis, ou rainhas, de ouros, espadas, copas e paus.

O último grão de areia se foi. Sirius se levantou e olhou pela fresta. “Hum, interessante”, pensou. Uma estrela pequena. Conhecia todas elas pois estudara por anos os tratados astronômicos que ele mesmo traduzira, mas porque aquela menina, que parecia ter um espírito extremamente forte e determinado, corresponderia àquela estrela?

-Meissa – balbuciou Sirius, sentindo a estranha sonoridade daquele nome.

#####

Os irmãos Estuven atravessaram o portão da cidadela naquela manhã, montados nos seus cavalos, em meio a densa névoa. Dantos olhava insistentemente para trás, o que fez o irmão perguntar:

-Ei, agora chamado Castor, que foi?

Godos sabia que Dantos não gostava daquele nome. Ele também não gostava de Pólux. Assim eles brincavam de aborrecer um ao outro chamando pelos nomes que Sirius havia indicado. E eles não acreditaram muito que aqueles seriam os seus nomes verdadeiros, preservados por muitas reencarnações. Eles até mesmo duvidavam na continuidade da existência após a morte. “Ele é louco”, dizia Godos frequentemente, se referindo ao mago, “mas nos dá um bom emprego!”.

-Não me chamas assim. Qualquer dia te farei engolir esse nome com terra e tudo! – exclamou Dantos, fazendo alusão que derrubaria o irmão do cavalo.

-Está bem! Está bem! Mas por que diabos olhas toda hora para trás?

-É que, enquanto subíamos, ouvi sons estranhos... Não ouviste? – confessou Dantos.

-Sons estranhos? Não ouvi nada!

-Eram como cascos de cavalos... distantes!

-Quantos? – indagou Godos, sobressaltado. – Achas que fomos seguidos?

Dantos deu de ombros. Mas a conversa foi interrompida, pois Rigel se aproximou deles, indagando:

-Achastes o menino?

Os gêmeos desceram dos cavalos e Godos respondeu:

-Sim. Está numa aldeia, nas proximidades de Beliária!

-Ótimo! Vou avisar o mestre!

Então, Rigel deu as costas e começou a rumar para o palácio, mas algo o deteve, um som incomum. Virou-se e viu algo extraordinário. Entrando pelo portão, correndo, um bando de cavalos selvagens, alvos como uma nuvem de inverno, sem quaisquer manchas, grandes e fortes, dezenas deles, vindos de não se sabe onde. Trotaram para dentro da cidadela, orgulhosos. Via-se que jamais foram montados. E, para espanto de todos, como se tivessem combinado ou treinados para aquilo, passaram a circular Dantos Estuven que, sem entender o que estava acontecendo, abriu os braços, atônito.

#####

Quando estavam quase chegando ao destino final, Godos ainda reclamava:

-Não entendo porque viajamos mais de trezentos quilômetros por causa de um simples menino!

Os irmãos Estuven e Sirius viajavam pela estrada montados em cavalos. Acompanhavam uma carroça conduzida por Rigel. Horácio sentava-se ao seu lado, rabiscando qualquer coisa num pergaminho. Ia olhando a estrada e anotando os detalhes. Como escrevia tudo o que via, deu um jeito prático de transportar a tinta: arrumara uma espécie de cantil impermeável que pendurava, por uma longa alça, no tronco, diagonalmente.

-Por que esse menino será o vosso rei, senhor Estuven – respondeu Sirius, calmamente, apesar de já ter repetido isso várias vezes.

-Bah, não acredito em profecias! – retrucou Godos.

-Mas não é só por isso que viemos procurá-lo – tornou a dizer o mago. – Principalmente porque sabemos que se trata de um menino que tem a disposição de ajudar os demais, sem esperar nada em troca.

-Bah, não acredito que possa haver alguém assim! – resmungou novamente o gêmeo mais robusto.

Mas, logo adiante, encontraram um transeunte, indo na mesma direção que eles. Era um velho, mas andava rápido. Sirius emparelhou o seu cavalo e disse:

-Bom dia, senhor. Por acaso conheceis um menino de nome Alionor?

-Alionor? – disse o velho, alarmado, parando de brusco. – Todos aqui conhecem Alionor.

-E poderíeis nos levar até ele?

O velho olhou a todos de cima a baixo. Sirius lhe pareceu um senhor simples, mas os irmãos Estuven ainda carregavam suas espadas nas bainhas. Então, ele disse:

-Se quereis fazer algum mal a ele, desistis! Lá, todos gostam dele. Então vos trucidariam!

-Não queremos fazer mal ao menino – disse Sirius, sorrindo. – Muito pelo contrário. Queremos lhe render homenagem!

O velho escarrou e cuspiu no chão. Depois, olhando o mago com apenas um olho aberto, indagou:

-“Homenage”? Que diabo de coisa é essa?

-Queremos render-lhe graças – tentou explicar Sirius.

Mas o velho coçou a cabeça e disse:

-Olhai aqui: vou vos mostrar quem é aquele menino. Vou mostrar só uma das coisas que ele fez. Só pra terdes uma idéia. Aí vereis!

-Está bem, meu bom homem! – concordou Sirius.

Então, o velho montou no fundo da carroça e prosseguiram a viagem. Percorreram menos que um quilômetro, quando o velho gritou:

-É aqui!

Ele desceu da carroça de um pulo e correu para o lado da frente. Entrou no meio do mato que, por ali, era apenas arbustivo. Sirius foi atrás dele e os demais os seguiram. Não caminharam muito até encontrarem algo extraordinário.

Algo extraordinário, mas absolutamente fétido.

Horácio olhou para aquilo e, fazendo uma careta, exclamou:

-Ah, que nojo!

Os irmãos Estuven, ao verem aquilo, arregalaram os olhos.

-Olhai, foi Alionor quem fez isso! – disse o velho, parecendo orgulhoso.

Diante deles, estava a carcaça, parcialmente putrefata e parcialmente corroída por urubus e animais carniceiros, de um monstro. Sirius reconheceu imediatamente como um troglodrom, um lagarto de quinze metros de comprimento. Seu rabo, que o mago sabia conter bolsas internas repletas de veneno, e sua cabeça, que exibia, ainda, enormes dentes pontiagudos, estavam praticamente intactos, com exceção dos olhos, que são o alimento preferido de algumas aves. Seu ventre e costelas estavam seriamente comidos, de forma que a caixa torácica do animal estava quase que completamente exposta. A grande barbatana dorsal, embora inteira, estava repleta de marcas de mordidas, mas era possível deduzir que aquelas marcas se deviam mais a lutas com outros troglodroms do que propriamente a ação de carnívoros.

Mas o mais notável era um detalhe: uma lança enfiada na cabeça do monstro, bem entre as duas cavidades oculares.



-Ele mesmo fez a lança – continuou a falar o velho – e a usava para pescar. Isso foi há uns quatro ou cinco dias atrás. Alionor estava mais adiante, dizem, brincando com outras crianças, quando o monstro apareceu. Devia estar com fome, pois rumou direto para elas. Mas dizem que ele ficou em pé, com a lança em posição, esperando a criatura, enquanto as outras crianças fugiam!

-Bah – disse Godos, - duvido que isso poderia ser feito por um menino de... de... quantos anos ele tem mesmo?

A despeito do cheiro e das moscas, Sirius se aproximou da cabeça do monstro e analisou a lança. Seu cabo era de bambu, mas, a julgar pela profundidade que havia penetrado no crânio do monstro, sua ponta deveria ser de metal, e bem afiado por sinal. Mas não foi só isso que Sirius viu. Como um mago conhecedor dos ensinamentos antigos, analisou o ângulo que a lança havia penetrado na cabeça do animal. Então, constatou que de fato a estatura de quem o empunhou não deveria ser muito elevada.

Assim, reconhecendo os sinais que se apresentavam diante dele, Sirius fez uma reconstituição mental do que haveria ocorrido: o menino permanecera em pé, segurando firmemente a lança na posição horizontal. Provavelmente o troglodrom nem mesmo vira a lança. Fixara a visão no menino e disparara. Sirius sabia que aquele animal atingia rapidamente uma velocidade muito grande. Mas o menino esperara. Mais que isso, tivera a frieza necessária para mirar entre os olhos do monstro, até o último instante. Com o impacto, a lança lhe perfurara o crânio. Mas, um animal de vinte toneladas não para tão facilmente. Além do mais, ele não morreria imediatamente. Instintivamente, como a lança se enfiara numa posição acima da boca, o animal teria o reflexo de elevar a cabeça para morder a arma. Consequentemente, o menino teria sido projetado para o alto. Considerando o seu pequeno peso e a força do impacto, devia ter se machucado seriamente ao cair novamente ao solo. E devia estar machucado ainda agora.

Contudo, a principal conclusão de Sirius não se deu na esfera física, mas no caráter do menino.

-Seja lá quem fez isso, senhor Estuven – disse então Sirius, ainda olhando fixamente a lança, - foi alguém muito inteligente e corajoso!

#####

Encontraram o menino nos fundos da cabana de um casal de camponeses. Sirius se aproximou silenciosamente, mas ele estava de costas, cortando lenha. O braço esquerdo estava apoiado em uma espécie de tipóia. Com o direito, segurando uma machadinha, tentava desajeitadamente partir algumas toras de madeira ao meio.

Sirius parou as suas costas, segurando o cajado, a uma distância de uns três metros. Então chamou:

-Vossa Majestade?

O menino se assustou e se virou. Sorrindo, disse:

-Ein? Oh, olá!

Sirius olhou-o profundamente, e, por que não dizer?, um tanto surpreso. Esperava um jovem maior, talvez uns treze anos, como Meissa. Mas, diante de si, estava, de fato, apenas um menino, olhando-o sorridente, com curiosidade nos olhos. Aquele olhar revelou completamente a Sirius o caráter do menino: Alionor era um menino inteligente, curioso e alegre.

-Quem sois vós? – indagou ele, ainda a sorrir.

Sirius continuou a analisá-lo. A voz ainda não havia passado pela transformação da puberdade e, pela sua estatura e constituição física, ele parecia ter dez ou onze anos.

-Permita-me que me apresente – disse o mago: - Sou Sirius, o Senhor de Lumerae.

Então se inclinou, em sinal de respeito.

O menino talvez não compreendesse o que significava o título do mago. Então, estendeu a mão direita, para que o visitante a apertasse, e disse:

-Olá! Sou Alionor!

Sirius sorriu também. Aproximou-se e apertou-lhe a mão.

-O que é Lumerae? – indagou o menino, curioso.

-Ah, essa é uma longa história – respondeu o mago. – Ouvimos falar de vossa fama, por isso estamos aqui.

-Fama? Que fama?

Sirius viu que o menino nem tinha consciência do que fizera.

-Como vos machucastes dessa maneira? – indagou o mago.

O menino, que tinha o rosto todo arranhado, olhou para o próprio braço quebrado, como se nem mais lembrasse dele.

-Ah – disse ele, - foi um animal que me atacou!

Sirius analisou profundamente a resposta. Notável. Ele poderia estar se vangloriando do feito, mas, em vez disso, o que acontecera, na verdade, parecia não ter tanta importância para ele.

-Quantos anos tendes, filho? – indagou o mago, apoiando-se no cajado.

Em vez de responder, Alionor deu de ombros. Não sabia quantos anos tinha.

-E onde estão os vossos pais?

Ele deu de ombros novamente, mas, um pouco triste, desta vez respondeu:

-Sei lá. Me disseram que eles me venderam para uma velhinha, mas ela morreu logo. Depois eu fui indo de casa em casa oferecendo para fazer algum serviço, em troca de comida, e aqui estou eu!

-Gostais de ajudar as pessoas, não gostais?

Ele meio que sorriu, sem jeito, meio que deu de ombros, mas quase imperceptivelmente, meio que fez uma careta. Mas deixou a entender que sim.

-Muito bem – disse o mago, sorrindo, - e que tal me ajudar num serviço em troca de muita comida, incluindo aí uma larga variedade de doces?

O rosto do menino se iluminou, o sorriso se alargou. Ele adorava doces.

-É? – perguntou ele, animado. – E que serviço é esse?

-Ora. Se gostas de ajudar as pessoas, que tal, em vez de ajudardes apenas algumas, ajudardes milhões. Que tal auxiliardes toda a humanidade?

O sorriso se extinguiu, mas a curiosidade aumentou, de forma que ele nada falou, mas apenas pensou, tentando desvendar o mistério daquelas palavras.

Nisso, Rigel se aproximou, acompanhado dos demais.

-Mestre, o encontramos de fato? Ele se mostrou digno?

Sirius se virou lentamente. Não respondeu propriamente a pergunta de Rigel, não diretamente, mas disse, solenemente:

-Vós que ouvis: ajoelhai diante de vosso rei!

#####

Já a caminho de volta ao norte, pararam a duas horas do por do Sol. Godos ainda não se conformara em ter que se ajoelhar diante daquele menino. Não via sentido nisso. Estariam todos ficando loucos? De fato, não iria se ajoelhar, mas Dantos lhe agarrou pelo ombro e o forçou para baixo, dizendo:

-Se o nosso patrão quer que nos ajoelhemos, então ajoelhamos. Queres perder o emprego?

Olhou para o menino, que descia da garupa de Sirius. Ele não parara de falar por toda a tarde, desde que o pegaram na aldeia. Perguntava sobre tudo e aquilo o exasperava. Ouvira a contragosto Alionor dizer que contara todas as casas que havia naquela aldeia. Depois pronunciava o nome das pessoas que viviam em cada casa e o que faziam. E aquele relato parecia não mais ter fim.

-Qual é a vossa profissão? – perguntou Alionor a Sirius, ainda na estrada.

O mago pensou muito antes de responder. Queria encontrar a palavra para melhor designar o que fazia:

-Professor... – respondeu ele.

-Professor? – estranhou o menino.

-Sim. Ensino coisas para as pessoas.

-Que tipo de coisas?

-Bem, um pouco de tudo. Sobre as plantas, os animais, sobre a terra, o céu. E também sei ensinar a ler e escrever. Ah, e a matemática!

-Puxa! Sabes um bocado! – exclamou Alionor.

-Bem, estudei muito para isso. Podereis estudar também, se quiserdes.

-Oba! – disse ele.

Depois olhou para um lado e para outro, e iniciou uma batelada interminável de perguntas:

-Sirius, já que sabes de tudo isso... Por que às vezes chove pedra? Por que as mulheres sangram? De onde vêm as doenças? Por que o céu é azul?

-Ei, ei! – exclamou Sirius, rindo. – Uma pergunta de cada vez!

Mas Alionor já tinha avistado, ao longe, um arco-íris, pois chovia a oeste. Então, continuou:

-De onde vêm os arco-íris? De que são feitos?

Então o mago parou o cavalo. Não podia deixar tantas perguntas sem ser respondidas. Assim, disse ao menino:

-Vamos desmontar!

Desmontaram e caminharam até a beira de um rio que corria para o norte. Sentaram-se ali e ficaram a olhar o arco-íris.

-Vede bem, Alionor – começou a dizer o mago, constatando que o menino prestava atenção absoluta. – Em Lumeræ, existe um objeto mágico. Na verdade, se trata de um pedaço de vidro, na forma de pirâmide. É desse tamanho, mais ou menos.

Mostrou com um gesto o tamanho da pirâmide, que tinha mais ou menos a dimensão de uma mão humana.

-Quando fazemos a luz do Sol, vinda de uma fresta na parede – continuou o mago, - passar através da pirâmide, acontece uma coisa extraordinária.

-O que? – indagou Alionor, ansioso e com os olhos arregalados.

-A luz se divide nas mais diversas cores. E sabe o que isso significa?

Alionor fez que não com a cabeça.

-Que a luz branca é constituída por raios de diversas cores. É quando juntamos as cores que resulta no branco.

-Puxa! – exclamou o menino.

-E Alionor, agora vem uma parte importante: a luz branca se desvia ao passar pelo vidro e os raios coloridos saem pela outra face da pirâmide seguindo direções ligeiramente diferentes. Mas o fato mais importante de tudo é que cada cor se desvia em ângulos diferentes, sendo o azul a cor que se desvia mais e o vermelho o que se desvia menos. Se olhares para o arco-íris, verás que a cor azul sempre está embaixo e o vermelho em cima. Jamais encontrarás um arco-íris em que a posição das cores seja outra.

-Puxa! Nunca tinha percebido!

-E é por isso, Alionor, que o céu é azul - disse o mago, olhando bem para o menino, ainda o analisando.

-Como assim? Não entendi!

-É claro que a luz que ilumina o dia vem do Sol. Mas o Sol emite essa luz na cor branca... na verdade um branco amarelado. Mas, quando a luz penetra no ar deste mundo, as cores também se desagrupam, de uma maneira ainda mais extraordinária que na pirâmide de vidro. O vermelho quase não se desvia, enquanto que o azul se desvia muito. E o azul se desvia tanto no ar que, para nós, ele parece estar vindo de todas as direções e é por isso que vemos o céu azul. Mas podemos ver o céu vermelho também. Isso acontece, por exemplo, ao por do Sol, quando podemos olhar para ele mais diretamente. Assim, como o vermelho se desvia pouco, temos que olhar próximo à direção do Sol para ver essa cor.

Alionor ficou pensativo. Sirius ficou imaginando o milhão de perguntas que se processariam em sua mente agora. E o mago teve a intuição de que ele agora escolhia uma delas.

-Sirius... por que o Sol brilha? Algum dia ele vai se apagar?

O mago sorriu. Viu que ele entendera a questão do arco-íris, mas sua mente já focara num fenômeno ainda mais fundamental.

-Ah, porque o Sol brilha é uma longa história. Mas acho que há um tratado em Lumeræ que versa sobre esse fenômeno... Quanto à segunda questão, o Sol vai se apagar sim. Mas não se preocupe, ele não deixará de brilhar tão cedo. Vivereis, Alionor, sob o brilho do Sol, assim como os vossos filhos e netos. E também gerações e gerações após eles. Civilizações inteiras se erguerão e também encontrarão seu declínio. – E Sirius olhou para o céu, em direção ao arco-íris, como a sonhar, e continuou: - Eras inteiras se passarão. Novas espécies de animais e plantas surgirão e depois serão extintas. Seres de outros mundos aqui virão, e depois irão embora. E tudo isso acontecerá sob o brilho desse Sol. Mas, Alionor, um dia a humanidade crescerá. Os homens se transformarão em magos, depois em anjos e depois em virtudes e, um

dia, não mais precisarão da luz do Sol. Somente nesse dia, Alionor, o Sol, aquele que sempre nos forneceu o seu brilho, sem pedir nada em troca, se apagará para sempre!

#####

Poucas semanas mais tarde, Sirius reuniu os magos e protomagos para comunicar uma decisão. Ainda nessa época, Lumerae era um canteiro de obras. Construções apareciam dia a dia. Muitas carroças traziam material dos arredores do monte, mas a maior parte do que precisavam era retirado dali mesmo. Uma pedra foi providenciada numa protuberância do cume do monte, a qual tinha cerca de cem metros a partir do nível da cidadela e era feita de rocha pura. Além disso, o cume contava com uma pequena floresta com aproximadamente um quilômetro quadrado de área, de onde retiravam a madeira.

Mas, no dia da reunião, o assim chamado palácio estava pronto. Aquela construção mais tarde seria chamada de "Hotel de Lumerae". Suas paredes eram feitas de rocha pura e argamassa e, como a maioria das construções do lugar, fora feita para durar milênios. Os artesãos responsáveis pela construção apenas trabalhavam, agora, na escultura das peças que adornariam sua fachada externa, na qual, ao longo dos séculos, estariam retratados todos os magos, bem como os reis de Brenor – os quais nem existiam ainda, – os duques de Lumerae e espíritos elevados de um modo geral. Mas lá estariam retratados também demônios, anjos caídos e o próprio Mitrax, bem como cenas importantes da história da Micropella.

Pois no interior do Hotel, no seu nível térreo, com janelas voltadas ao leste, foi configurada um sala circular, com piso de madeira, onde Sirius mandara colocar doze confortáveis poltronas, posicionadas num círculo que fora pintado no chão, com um diâmetro de 6,371 metros.

O Senhor de Lumerae, agora, sentava-se numa dessas poltronas, tal qual Rigel. Bethelguelse, que outrora fora conhecida como Blindi, a rata, uma menina de rua toda suja, sentava-se em outra, enfiada num bonito vestido de cetim. Balançava as pernas, pois elas não tocavam o chão e segurava ambos os braços da sua poltrona. Parecia aborrecida, pois estava achando aquilo desconfortável, afinal, tinha que quase deitar para alcançar o encosto daquela coisa. Godos Estuven estava impaciente demais para se sentar. Ficou em pé mesmo, andando de um lado para o outro. Já Dantos, mais a vontade, sentava-se sobre um dos braços de uma das poltronas. Meissa estava calada e taciturna comportadamente instalada em outra.

-Um rei precisa de um reino... – dizia Sirius.

-Um rei? – duvidou Godos. – Aquele menino? Ele não tem nada!

-Tem o mais importante – insistiu Sirius: - O caráter!

-O caráter não faz um rei. Armas e poder, isso sim!

-Veremos, senhor Estuven, veremos! – disse o mago.

Mas Sirius não parecia interessado nas objeções de Godos. O mago percebeu que ele apenas tinha medo do volume que aquilo estava tomando.

-Senhores e senhoras, estamos aqui para decidir o fim da hegemonia das salamandras sobre este continente! – declarou o senhor de Lumerae.

Godos não estava acreditando no que ouvia. Olhava pasmo o mago.

-As salamandras possuem formidáveis exércitos – interpôs Dantos, calmamente. – Além disso, contam com dragões. É impossível, no momento, desafiá-las.

-Seus exércitos nunca estiveram tão enfraquecidos – afirmou Sirius – desde que elas destruíram o Império Athlanda. Vós sabeis disso, pois trabalhastes para elas. Conta para os demais, Godos, sobre a campanha de Shamadralah.

Godos olhou para um lado e para o outro, tentando se lembrar dos detalhes da história. Depois, um pouco a contragosto, começou a narrativa:

- Há três anos atrás, Shamadralah era a suprema rainha das salamandras. Ishdrahmak era apenas uma rainha menor da casta real. Shamadralah era imbatível em sua força e pujança. Muitas outras rainhas a desfiaram no passado, mas todas pereceram no Arrhlevour<sup>1</sup>. Mas o que ela tinha de força tinha de ambição. Vós sabeis de o Império de Piramar se estende, de leste a oeste, das Montanhas de Fogo até o reino Tuê, e, de sul ao norte, desde o Baixo Planoin até uns cem quilômetros ao sul do Antigo Monte Sagrado. Mas elas nunca haviam ousado em penetrar em Armon, pois Aradis é considerada sagrada pelos anjos, embora estes tenham a abandonado há muitos séculos, desde que construíram Promethea. Pois Shamadralah formou o maior exército salamândrico de todos os tempos e marchou para o norte. Penetrou triunfante em Armon e tomou as ruínas de Aradis. Sei disso, pois alguns humanos escaparam do massacre e me contaram.

-Massacre? – indagou Rigel. – Que massacre?

-Bem... – continuou Godos, ainda andando de um lado para o outro. – Mitrax não gostou nada daquela provocação e, para humilhar o Império do Fogo, mandou não um exército, mas apenas uma centúria de anjos para expulsar as salamandras daquelas terras. Dizem que a centúria foi comandada por uma naldé<sup>2</sup>. Batraal é o nome dela. Dizem que os anjos vieram com armaduras e elmos reluzentes, quase cegantes ao refletir o fogo das salamandras. Suas espadas brilhavam e, impassíveis, mostraram-se impiedosos. Mesmo o fogo mais destruidor das salamandras e dos dragões vermelhos não os afetava. No máximo, derretiam por alguns instantes, depois se recompunham novamente. Não sei como é isso, mas foi o que me disseram. E suas espadas foram inclementes. A cada golpe, ceifavam a vida de dezenas de humanos e homens de fogo que acompanhavam em grande número as salamandras. Na batalha, cada anjo era rodeado por milhares de homens de fogo. Mesmo assim, passeando com as suas lâminas sagradas, iam ceifando vidas, fazendo pedaços de corpos voarem, abrindo caminho entre aquela massa condenada. Os dragões investiam contra eles. Dragões vermelhos, negros e cinzentos. Mas os anjos os enfrentavam com as mãos nuas e peito aberto. Mesmo envolvidos em fogo, no ar, agarravam os lagartos ígneos e os

---

<sup>1</sup> Cerimônia em que rainhas salamândricas combatem até a morte para a definição de quem será a rainha suprema.

<sup>2</sup> Anjo na forma feminina.

estraçalhavam com as mãos, arrancando-lhes as asas e a cabeça, jogando os corpos sobre os humanos, eletrocutando-os. Dizem que as imediações do Monte Armon submergiram em sangue. As espadas angelicais fendiam as salamandras em duas e nenhum anjo pereceu naquela batalha. O corpo de Shamadralah foi esquartejado e seus pedaços espalhados ao longo do monte. A cabeça até hoje está exposta nas ruínas sagradas de Aradis.

Houve silêncio na sala, após o relato do cavaleiro. Todos refletiam sobre aquelas palavras. Mas o silêncio foi rompido novamente por Sirius, que concluiu:

-E, desde então, os exércitos salamândricos estão reduzidos. Talvez a um quarto de sua potência original. Elas nunca estiveram tão enfraquecidas.

-Sim – concordou Dantos, - mas mesmo assim, ainda possuem um poder militar insuperável.

-Não se reunirmos todos os reinos da Mesovíngia – contrapôs o mago. – Teremos que falar com Nestor, o rei Tuê, Bhorgus, o rei élfico e até mesmo com Guldariar, o líder das tribos gnômicas. Vamos apresentar-lhes Alionor. Mas, antes, teremos que convencer os próprios humanos a aceitá-lo como seu rei.

-Ah, é? – indagou Godos. – E como vamos fazer isso? Vesti-lo com uma coroa e com um manto? Achas que vão segui-lo por causa disso? O que faz um rei são os seus exércitos, e não... e não...

Godos não encontrou as palavras, mas Sirius, calmamente, a completou do seu jeito:

-O que faz um grande rei é o seu caráter, conforme já disse. Daqui a alguns meses, partiremos para o sul. Instalar-nos-emos nas proximidades de Beliária e, lá, convenceremos as pessoas.

-Mas como? – insistiu Godos.

-Fazendo aquilo que é natural a um Grande Rei e também para os magos: caridade.

Godos Estuven olhou bem para Sirius, sem acreditar no que ouvia.

-Não será fácil – disse o senhor de Lumerae se levantando. – Demandará alguns anos de nossas vidas. Mas, quando os beliarianos começarem a aceitá-lo como líder, visitaremos os outros reinos e, quando obtivermos o apoio destes, Alionor se declarará Rei de Beliária.

-As salamandras enviarão um grande exército para o sul – objetou Dantos.

-Sim, é com isso que conto – declarou o mago. – E, quando o exército salamândrico houver cruzado o Mégion, um outro exército, formado pelos nossos aliados, cercará e tomará Piramar.

-Perdeste o juízo? – indagou Godos, estupefato. – Jamais tomaremos Piramar! Mas por que vamos fazer isso? Não podemos ficar aqui, pacificamente, cuidando das nossas vidas?

-Por que, me perguntas? Bem... dize a eles, Bethelguelse.



A menina havia acompanhado a conversa atentamente, mesmo tentando se acomodar na poltrona das mais variadas formas. De vez em quando, Godos a encarava, com um olhar reprovador, especialmente quando ela colocava os sapatos sujos sobre o móvel, mas ela lhe mostrava a língua. Mas agora, após Sirius haver invocado o seu nome, a pequena maga parecia em transe. E assim ela disse:

-O destino da humanidade está atrelado ao dos Grandes Reis e Rainhas. Sem eles, tal destino é negro. A humanidade perecerá em dor e desespero. Com eles, o futuro será luminoso. Alionor é o primeiro dos Grandes Reis, o Rei de Espadas. Há dois futuros possíveis: com e sem ele. Se ele não for coroado, um grande cataclismo se abaterá sobre esse continente. As montanhas tremerão. Grandes fendas surgirão e o chão afundará, engolindo todos os seus habitantes.

Houve novo silêncio. Mas Sirius não queria perder a objetividade da reunião. Então, declarou:

-Podemos considerar essa reunião encerrada. Posso contar com o vosso apoio?

-Certamente, mestre! – declarou prontamente Rigel.

-Tô dentro! – exclamou Bethelguelse, animada, já fora do transe.

-Bem... prefiro uma loucura dessas a voltar a servir as salamandras – manifestou Dantos.

-Diabos! – disse Godos, seja lá o que isso significava.

Sirius quase sorriu. Sabia que o cavaleiro duvidava de tudo o que lhe fora dito. Mas o mago também sabia que, de todos ali, ele era o que mais desejava o fim da Era das Salamandras. E, no fundo, sabia que poderia contar com ele. O grande mistério naquela sala era a jovem Meissa. Ela ficara calada durante todo o transcorrer da reunião, segurando em ambos os braços da poltrona, tensa e, ao mesmo tempo, com cara de poucos amigos.

Agora, quando todos começaram a sair, ela fez um sutil movimento de começar a se levantar, mas Sirius a deteve:

-Preciso falar contigo, Meissa.

Luiza já se acostumara ser chamada assim. No fundo, sabia que aquele era, de fato, o seu nome verdadeiro. Mas, aos olhos de Sirius, ela ainda era um mistério. Nos dias que passara ali, na cidadela, o mago percebera claramente o quanto era inteligente. Parecia assimilar com uma velocidade impressionante os ensinamentos dos livros antigos. Sirius mandava-a ler alguma coisa e, em pouco tempo, tudo sobre o tema podia lhe ser perguntado. Ela entendera com uma rapidez incrível os princípios básicos da Mecânica dos Sonhos, que o mago considerava bastante complicados. Por outro lado, ela exibía sempre um aspecto tenso. Nunca sorria e parecia pessimista com o futuro. Mas Sirius entendia isso como fruto de sua origem. Ela lhe dissera que nascera no Delta de Corbe. O mago nunca estivera lá, mas conhecia a fama do lugar. Era uma região esquecida pelos deuses. Dizem que, no passado, uma feiticeira amaldiçoou a região, outorgando às mulheres dali uma fertilidade ímpar. O fato é que os

corbianos não seguem qualquer regra moral ou de conduta. Não possuem leis e a sociedade não é organizada com base em famílias. Aliás, não existiam famílias e muito menos sociedade. Os homens simplesmente estupravam as mulheres e essas, nessas condições, estavam sempre grávidas. Consequentemente, essas terras eram superpovoadas e a vida humana não tinha muito valor. E era assim por milênios e não havia indícios de mudanças. As guerras eram constantes, fomentadas por líderes gananciosos, os lordes de Corbe. A fome e as doenças completavam o controle da densidade demográfica. E Luiza conseguira escapar desse inferno, sabe-se lá em que condições.

-Devemos continuar com o teu treinamento e verificar se podes realmente ser considerada uma maga – disse Sirius. - O teste definitivo consistirá na sua habilidade de descer ao mundo dos mortos.

Sirius já havia mencionado a ela o teste. Disse-lhe que Bethelguelse já demonstrara ter estado lá, através de algum processo que ele classificava como uma espécie de desdobramento da consciência. Naquela ocasião, ela o olhara com uma expressão de quem sabia mais do que demonstrava, pois não estranhava nada o que o mago dizia, mas ela nada falou. Mas agora, quando ele tocara no assunto pela segunda vez, ela se apressou em responder, como se temesse calar novamente:

-Já estive no mundo dos mortos.

-Já esteve? – indagou Sirius, intrigado, ainda de pé. – Como?

-Quando toquei o cajado.

Sirius olhou bem para ela. Sabia que era verdade. Não somente pela sua expressão, mas fora a maneira que ele próprio visitara o mundo negro, quando reencontrara Emeraldalda, e ela, pela primeira vez, mencionara o seu verdadeiro nome.

-E o que viste por lá? – indagou o mago, tentando ter certeza absoluta que ela, de fato, visitara o reino dos mortos.

-Foi um breve instante de tempo... – disse ela, olhando para o nada, - enquanto erguia o cajado. Mas... ao mesmo tempo... no mundo dos mortos, muitos dias se passaram.

Sirius ficou ainda mais intrigado. Examinando a sua própria experiência, não podia dizer se o transcórre do tempo neste mundo e naquela ocasião, com Emeraldalda, obedeceram ao mesmo relógio, pois estava tomado por um estado emocional muito forte. Mas alguma coisa dizia que a descrição da incoerência do tempo, feita pela jovem, fazia sentido. Então, olhou bem para ela. Para a sua face pálida, séria, linda e sombria. Para os seus lábios sem cor e carnudos.

-Estive com Mitrax. Ele me estendeu a sua mão.

Seu corpo estava teso, encaixado na poltrona, absolutamente imóvel. Ela contava o que vira, sem emoção ou sobressalto.

-Ele me conduziu pelo seu reino. Mostrou-me seus imensos palácios. Navegamos pelos rios Letes, Aqueronte e Estige. Apresentou-me o Pátio dos Gritos, todo feito de ossos, e o Templo de Madar.

Conforme ela ia tecendo o seu relato, a visão de Sirius foi se aproximando. No começo, focou no seu formoso corpo, como um todo. Depois no seu rosto perfeito. Por fim, na sua boca, ao mesmo tempo sensual e cruel, dada a indiferença emocional na sua voz.

-Então, ele me relatou sobre o passado, o presente e o futuro. Contou-me histórias antigas, anteriores à Primeira Queda. Disse-me como os anjos chegaram nesse mundo e como protegeram a nascente humanidade. Contou-se sobre as batalhas antigas e a guerra entre os anjos, o motivo da sua ruína. Narrou-me as grandes batalhas de Nimisa e Tórua. Revelou-me os detalhes de sua famosa luta contra o arcanjo Miguel. Depois sobre as contendas entre os seus generais, e também dezenas de outras histórias. Então, descreveu-me como se deu a Grande Migração dos espíritos antigos, sobre a partição dos cristais, o soerguimento das Montanhas de Fogo e os fatos que marcaram a Segunda Queda. De tudo sei, nada me deixou escapar.

Assim, observando-a atentamente, Sirius indagou:

-E o que achaste de Mitrax?

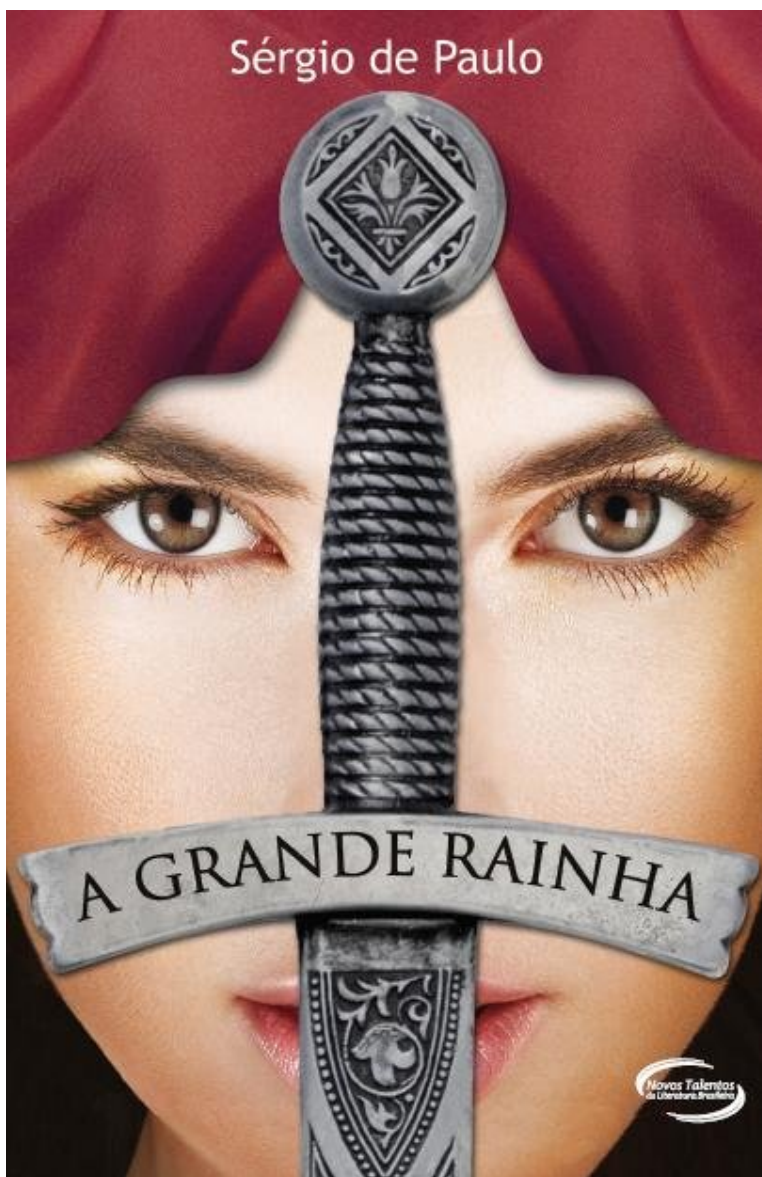
É claro que a resposta o surpreendeu. Temia, mas tinha quase certeza, de que ela o idolatraria, mas sua reação o surpreendeu, bem como tudo o que ela disse a seguir. Sirius, agora, observava atentamente os seus olhos. Eram olhos frios que, talvez, nunca tivessem vertido uma lágrima. Olhos inexpressivos, passivos e torpes que, quando contemplados assim, de forma separada do corpo, revelavam uma frieza quase desumana. Olhos que contrastavam radicalmente com aquele toque que, naquela ocasião, sentira na sua mão. Aquela toque de desespero e súplica, partindo de uma menina que clamava por ajuda, uma menina que devia estar encerrada naquela pessoa, oculta em algum lugar.

-Mitrax? Um tolo. Ele é apaixonado pela humanidade. Acredita no homem. Mas o homem... o que é o homem? O que é a humanidade além de uma experiência mal sucedida? O que é o homem além de algo que não deu certo e que está, certamente, destinado ao total desaparecimento? Que obra disforme é o homem. Tão débil na razão, tão demente nas faculdades... Nas ações, tão parecido com demônios. No caráter, tão próximo dos mais disformes monstros.

#####

[www.mitraxsaga.com](http://www.mitraxsaga.com)

Já nas melhores livrarias,  
o primeiro livro da Saga de Mitrax:



# A Grande Rainha

S

irius saiu da sala do trono a passos largos. Parecia contrariado.

-Não adianta – disse a todos. – Usei todos os argumentos possíveis, mas ele é irreduzível.

Todos se frustraram. Uns baixaram a cabeça, outros olharam para longe. Todos, exceto Meissa, com sua costumeira expressão séria. Enérgica no tom de voz, ela disse:

-Deixai comigo!

-O que vais fazer? – indagou Sirius, preocupado.

Ela caminhou em direção à porta de bronze. Depois se virou e disse:

-Dai-me três minutos, Sirius. Apenas três minutos!

O mago olhou bem para ela. Imaginou que não poderia acontecer nenhuma tragédia em tão curto espaço de tempo, então a deixou ir. Ela desapareceu através da porta. Entrou na sala de audiência sem ser anunciada. O príncipe ainda despachava com os seus auxiliares. Quando a viu, fez um gesto para que eles se afastassem e olhou a maga de cima a baixo. Meissa imediatamente decifrou o seu olhar e constatou que correspondia ao que ela esperava. Sitht, a cidade que levava o nome do príncipe, ficava no local mais quente da Mesovíngia. Assim, seus trajes de maga, feitos por algumas camadas de fino tecido, grudavam-lhe no corpo, permitindo a contemplação de suas generosas curvas. E ela viu o seu olhar de cobiça.

-A que devo tão inesperada visita? – disse, na língua tuê.

Meissa se aproximou do príncipe gigante. Ele, enorme, mesmo sentado, pois tinha o dobro do seu tamanho, a contemplava de cima a baixo e não procurava esconder o seu sorriso hedonista. Ela, por sua vez, sentia-o como um ser inferior, um disforme, pois o príncipe Sith,

por mais feios e rústicos que fossem os tuês, era, talvez, o mais feio de todos, o que, longe de constrangê-lo, dava-lhe mais orgulho.

-Tenho uma oferta a oferecer-vos. Sim ou não. Não há outra resposta – disse ela, segura e firme.

-Pois apresentai vossa proposta! – exclamou, ainda sorrindo, o rústico Sith.

-Se unirdes vosso exército ao nosso, se combaterdes as salamandras ao nosso lado, após a segura vitória, ofereço-vos meu corpo. Uma única noite de amor, não mais que uma, quando me tereis integralmente, de todas as formas!

O rosto do gigante se iluminou. Seu sorriso se abriu, aflorou. Então, abrindo a boca sutilmente, para responder como num sussurro, disse:

-Aceito a vossa oferta!

# Ressurrectio Immortalis

Parte II:

## I gni